

Fernanda Cerqueira
Larissa Santos
Organização

II CONCURSO LITERÁRIO
LERUERJ



PRÊMIO DE
LITERATURA
CARLOS
DRUMMOND
DE ANDRADE

selbo

II CONCURSO LITERÁRIO
LERUERJ

PRÊMIO DE
LITERATURA
CARLOS
DRUMMOND
DE ANDRADE

Diretório Acadêmico Lima Barreto

Gestão Quem vem com tudo não cansa

Programa de Leitura da UERJ

Coordenador

Victor Hugo Adler Pereira [2001 – 2015]

Bruno Rêgo Deusdará Rodrigues [2016 – presente]

Coordenadora pedagógica

Mirna Aragão de Medeiros

Instituto de Letras

Diretora da unidade

Magali dos Santos Moura

Vice-diretora da unidade

Márcia Regina de Faria da Silva

Coordenador geral de graduação

Nabil Araújo de Souza

Fernanda Cerqueira
Larissa Santos
Organização

II CONCURSO LITERÁRIO
LERUERJ

PRÊMIO DE
LITERATURA
CARLOS
DRUMMOND
DE ANDRADE



RIO DE JANEIRO | 2016

Copyright © 2016, dos autores.

Todos os direitos desta edição reservados ao Selo Editorial Lima Barreto (SELB).

É proibida a reprodução deste volume sem autorização expressa da editora.



Selo Editorial Lima Barreto
Rua São Francisco Xavier, 524 – Maracanã
www.facebook.com/selb.dalb
selbcontato@gmail.com

| | |
|---------------------------------------|---|
| <i>Edição:</i> | Iuri Pavan e Thayssa Martins |
| <i>Assistência editorial:</i> | Nayana Ferraz |
| <i>Supervisão de revisão:</i> | Camille Labanca, Iuri Pavan, Jefferson Evaristo, Nayana Ferraz e Thayssa Martins |
| <i>Revisão:</i> | Alexia Alves, Carolina Ponciano, Denia de Oliveira, Helena Settecerze, Islaine Lemos, Letícia Capuano, Lorenza Rodrigues, Mariana Mello, Priscila Mendes, Raquel Bauer e Stephanne Pastore |
| <i>Capa:</i> | Iuri Pavan |
| <i>Projeto gráfico e diagramação:</i> | Mauro Siqueira |
| <i>Apoio editorial:</i> | Priscilla Morandi |

Dados Internacionais De Catalogação Na Publicação (CIP)

Bibliotecária responsável: Bruna Heller - CRB 10/2348

C744

II Concurso Literário LerUERJ [recurso eletrônico] : Prêmio de Literatura Carlos Drummond de Andrade / Fernanda Cerqueira, Larissa Santos, organização. – Rio de Janeiro : Morandi, 2016.
98 p. : 14x21cm.

ISBN 978-85-65951-03-6

1. Literatura brasileira. 2. Contos brasileiros. 3. Crônicas brasileiras. 4. Poemas brasileiros. 5. Concurso literário – UERJ. I. Cerqueira, Fernanda. II. Santos, Larissa. III. Título.

CDU 869.0(81)

Parcerias: Editora Morandi e Editora Multifoco

SUMÁRIO

| | |
|-----------------------------|-----------|
| NOTA DOS EDITORES | 07 |
| APRESENTAÇÃO | 10 |
| PREFÁCIO | 12 |
| POEMAS | 18 |
| Giulia Romay | 19 |
| Bianca Garcia | 21 |
| Jorge Filho | 24 |
| Márcio Belém | 26 |
| Gabriele Guimarães | 28 |
| Marco Dantas | 30 |
| CRÔNICAS | 31 |
| Deusdemóstenes de Antuérpia | 32 |
| Luiz Paulo Labrego | 36 |
| Fábio da Silva | 39 |
| Gabriele Guimarães | 43 |
| CONTOS | 44 |
| Viviane Roux | 45 |
| Quasilúnio | 53 |
| Bruno Furtado | 57 |
| Diogo Mirandela | 67 |
| Mayra Lopes | 76 |
| SOBRE OS AUTORES | 83 |

NOTA DOS EDITORES

O DIRETÓRIO ACADÊMICO LIMA BARRETO (DALB) configurara-se como a entidade representativa dos estudantes do curso de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e sua missão é atuar em prol destes tanto internamente, no Instituto de Letras (ILE), quanto externamente, na universidade.

A gestão eleita para o período 2015-2016, *Quem vem com tudo não cansa*, assumiu, em sua campanha eleitoral, o compromisso de promover atividades de capacitação e enriquecimento curricular em áreas do mercado profissional, para além do magistério, contempladas pela graduação em Letras – tais como a edição de livros.

Agindo por meio da Comissão Acadêmico-cultural, o Diretório inaugurou, em outubro de 2015, o projeto que seria conhecido pelo nome fantasia “Editora Lima Barreto”, com a missão de fomentar, produzir, editar e difundir – com um corpo editorial formado por alunos do ILE-UERJ – produções acadêmicas e literárias de estudantes universitários, em publicações impressas e digitais.

Em março de 2016, mediante uma parceria com a Editora Morandi, que aceitou receber nossos livros em seu catálogo, o projeto foi formalizado como Selo Editorial Lima Barreto (SELB). Emergente há pouco tempo no mercado, como empreendimento de uma aluna do ILE-UERJ, a Morandi trouxe uma oportunidade de crescimento e reconhecimento mútuos, coerente com nosso propósito de incentivar a inserção de alunos de Letras no meio editorial.

Por intermédio do SELB, alunos do ILE podem ter sua primeira experiência em preparação de originais, revisão de textos, diagramação, design de capa e fechamento de livros. Para garantir a qualidade da publicação e proporcionar um ambiente de troca de aprendizagem, todo o processo é supervisionado por alunos já experientes na área.

A partir de abril do mesmo ano, o SELB passou a prover, também, capacitação teórica, por meio da realização do minicurso “Livro: etapas de produção”, ministrado por Mauro Siqueira – assistente de coordenação de produção editorial da EdUERJ, editor-adjunto da Rubra Editora e editor da revista virtual Rapa-dura – e do ciclo de debates “Mercado editorial: inserção, atuação e análise”, uma atividade de greve que trouxe como debatedores diversos estudiosos e profissionais do livro.

A edição de texto e o projeto gráfico do livro *II Concurso Literário LerUERJ: Prêmio de Literatura Carlos Drummond de Andrade* foram as primeiras tarefas que nosso corpo editorial assumiu. Com sua publicação, os editores responsáveis celebram a estreia formal dos serviços do Selo Editorial Lima Barreto.

Agradecemos pela confiança das organizadoras do concurso Fernanda Cerqueira e Larissa Santos e dos coordenadores do Programa de Leitura da UERJ Bruno Deusdará, Mirna Aragão e Victor Hugo Adler; pela colaboração das revisoras Alexia Alves, Carolina Ponciano, Denia de Oliveira, Helena Settecerze, Islaine Lemos, Letícia Capuano, Lorenza Rodrigues, Mariana Mello, Priscila Mendes, Raquel Bauer e Stephanie Pastore, dos supervisores de revisão Camille Labanca e Jefferson Evaristo e da assistente editorial Nayana Ferraz, que se encarregaram, junto com os editores, da conferência do processo; pela contribuição de

Priscilla Morandi, não só por receber esta obra no catálogo da Editora Morandi, como também por abraçar integralmente o projeto, e de Dênis Rubra, Mauro Siqueira e Phellipe Marcel, por disponibilizarem seus conhecimentos sobre o mercado editorial e nos orientarem sempre que preciso.

Esperamos que este seja apenas o primeiro de muitos trabalhos prósperos no Selo Editorial Lima Barreto e que possamos proporcionar aos estudantes do curso de Letras uma experiência enriquecedora.

Iuri Pavan e Thayssa Martins
editores

APRESENTAÇÃO

AS IDEIAS QUE PROPORCIONARAM a organização do II Concurso Literário LerUERJ: Prêmio de Literatura Carlos Drummond de Andrade são reflexo da trajetória e dos objetivos gerais do programa LerUERJ. Existente há mais de vinte anos, o projeto já apresentou diversos formatos. Com a sua área de atuação sempre voltada para os universitários e para toda a comunidade da UERJ, esse programa de extensão universitária do Instituto de Letras promove um conjunto de iniciativas cujo principal objetivo é a promoção da leitura e da produção textual.

A última organização estrutural adotada pelo programa oferecia uma oficina de crônicas para o público da UnATI (Universidade Aberta da Terceira Idade), bem como sessões de cinedebate e pesquisas sobre os hábitos culturais dos estudantes de Letras. Nós, bolsistas do programa, transitávamos ativamente entre esses projetos, ministrando aulas, aplicando questionários, organizando debates e saraus, de modo que a nossa relação com o ambiente universitário evidenciou uma vontade, principalmente por parte de outros estudantes, de se expressar diante da comunidade.

A partir disso, pensamos em propor uma segunda edição para o Concurso Literário LerUERJ. Mantivemos o formato da edição inicial: os textos deveriam ser inéditos, individuais e estar dentro dos gêneros conto, crônica ou poesia; posteriormente, eles seriam avaliados por uma comissão de professores do Instituto de Letras. Contudo, algumas alterações se mostraram necessá-

rias e pertinentes dentro do contexto de estímulo à leitura e à produção literária. Na presente edição, decidimos que, além de tais critérios, possibilitaríamos a inscrição de alunos de qualquer curso de graduação da UERJ. Decidimos, ainda, abrir uma votação para eleger os escolhidos pelo público, por acreditar que os leitores também têm grande valor dentro do processo literário. Com essa abordagem, visamos a possibilitar que o concurso fosse, de fato, para os graduandos da UERJ, de modo geral. A participação de alunos de diversos cursos reafirmou nossas ideias iniciais sobre a vontade dos estudantes de expor suas produções, propiciando uma apresentação plural de textos.

O processo de realização do concurso durou vários meses, e a publicação do livro com os textos vencedores também se mostrou uma etapa igualmente longa e importante para todos os envolvidos. Promovido em parceria com o Instituto de Letras, a EdUERJ, a Editora Morandi, o LerUERJ e o DALB – por meio do Selo Editorial Lima Barreto –, o II Concurso Literário LerUERJ: Prêmio de Literatura Carlos Drummond de Andrade mostrou-se como uma grande experiência para nós, bolsistas do programa, realizando, assim, sua proposta inicial de incentivar a produção e o compartilhamento de material literário.

Fernanda Cerqueira e Larissa Santos
organizadoras

PREFÁCIO

E ESTUDANTES DE LETRAS produzem literatura?

Essa pergunta, por incrível que pareça, desafia os currículos e as práticas habituais nos cursos superiores de Letras. Estuda-se literatura, analisa-se a obra de tanta gente, procura-se entender a tradição e identificar a influência dos cânones. Mas alguém se lembra de que muita gente vem para a universidade procurar subsídios ou apoio para desenvolver seu potencial criativo aplicado à produção literária? Escrever textos que tragam sua perspectiva singular da experiência humana, seu modo de experimentar emoções que são comuns à nossa época, sua atitude diante de tradições e cânones – testando e desafiando os limites da linguagem, contribuindo para repensá-los...

Alguns devem pensar: que pretensão! Ou considerar: a criatividade é indispensável também para o estudo teórico e a realização de trabalhos e pesquisas acadêmicas... Citarão mesmo o exemplo de Einstein... ou de Freud... A atividade dessas e outras figuras teve conotações poéticas e contribuiu para a ampliação dos limites da linguagem em campos bastante distintos do saber...

E continua-se a tradição de deixar que fique em casa essa vontade que leva alguns, de diferentes idades, a se aproximar de uma faculdade de Letras para exercitar a linguagem e trilhar a sua experiência fora dos limites disciplinares. Ou aflorar em momentos de devaneio em que, por força de pulsões incontidas ou como uma atitude de resistência, se interrompem as anotações durante

uma aula e se registra uma emoção, uma percepção pela qual se foi tomado. Na contracorrente do fluxo avassalador de explicações, justificativas e análises acadêmicas – que transformam, muitas vezes, a poesia em cadáver a ser dissecado – ou simplesmente no caminho entre a universidade e o metrô, na parada de ônibus...

Solidários com os estudantes que se frustram com a expectativa de um curso de Letras mais preparado para viabilizar o desenvolvimento dessa vertente da criatividade, procuramos ensaiar uma resposta, ainda que tímida. Quem sabe um concurso literário não seria um modo de marcar uma posição diante do problema e de estimular quem é vítima da timidez a tirar os guardados de sua gaveta – como dizíamos quando fiz minha graduação em Letras – ou, hoje em dia, aqueles arquivos preciosos que visitamos e reescrevemos de vez em quando, sem saber se alguém algum dia lerá essa “obra” inacabada... Timidez ainda acrescida entre estudantes de Letras pelo fato de aprenderem a avaliar – às vezes de maneira implacável – até mesmo a obra dos chamados grandes mestres da literatura!

Em 2011, dialogando com um grupo de estudantes de Letras ligados ao Diretório Acadêmico Lima Barreto e apoiando-nos na sua animação, o Programa de Leitura da UERJ promoveu o Concurso Literário Lima Barreto. Homenagem mais que justificada ao grande escritor que dá nome ao diretório de estudantes de Letras. Vários docentes apoiaram a iniciativa, ficaram mesmo empolgados com a ideia – como eu, que coordenava o Programa de Leitura – e colocaram esses tipos de perguntas quanto ao curso de Letras. Um deles foi o prof. Luiz Carlos Lima, que, aliás, tinha um grupo de leitura, discussão e troca de experiências de produção poética. Junto a ele, a prof.^a Ana Chiara, animada

com a iniciativa, dispôs-se a avaliar os textos entregues na sala do Programa de acordo com as normas de um edital divulgado previamente. O prof. Italo Moriconi garantiu o apoio da Editora da UERJ (EdUERJ), colaborando para a organização de um sarau de premiação no fim do ano. A direção do Instituto de Letras providenciou a confecção das placas que foram distribuídas aos vencedores nas categorias conto, crônica e poesia.

A ideia de realizar um II Concurso Literário LerUERJ ficou no ar durante alguns anos... No ar mesmo, pois, devido a vários percalços, como o calendário “estropiado” de reposições de aulas, mudanças em atividades e em grupo de bolsistas do LerUERJ, só se concretizou no ano de 2014. Então, com a empolgação das bolsistas Larissa Duarte e Fernanda Cerqueira e a garra e animação dos membros do DALB, partiu-se para uma nova edição do concurso. Discutiui-se um edital, e avaliou-se que seria importante incluir toda a universidade no concurso. Acrescente-se que, na primeira edição, a restrição aos estudantes de Letras movia-me também pelo desejo de compreender que atitude manifestariam, no ato da escrita, diante da divisão canônica de gêneros que se propunha. Foi interessante observar que houve uma adequação quase que unânime a cada um dos três gêneros propostos, talvez até mesmo diante do fato de estarem enfrentando uma avaliação que pressupunha o endosso da tripartição tradicional... Na segunda edição, portanto, acolhemos a proposta de incluir a participação de estudantes dos outros cursos da universidade. Foi um modo de reconhecer que esse desejo de participar dessa grande conversa que é a literatura, que transcende a sua época, move também gente que se dedica a outras áreas do conhecimento, às vezes até mesmo desafiada pelos estudos que realiza e as práticas relaciona-

das à formação profissional. Não se deve esquecer, por exemplo, a quantidade e a qualidade da contribuição de médicos para a produção da literatura no Brasil e no mundo – alguns cogitam que essa contribuição seja até mesmo em resposta aos enigmas colocados pelo contato próximo e diário com experiências extremas da existência humana.

Foi decidido também que o homenageado dessa vez seria Carlos Drummond de Andrade, e foram feitos alguns ajustes no edital do primeiro concurso. Incluiu-se, dessa vez, a participação do público pela internet na avaliação do material enviado. A recepção do material e a divulgação do evento animaram o LerUERJ e serviram para concretizar o desejo de que ele estivesse mais próximo do conjunto de estudantes e de uma força criativa e atuante entre eles, o Diretório Acadêmico Lima Barreto, que colaborou grandemente para que o concurso se materializasse.

Colaboraram efetivamente para que o concurso acontecesse o prof. Bruno Deusdará, que vem participando há alguns anos do LerUERJ em grupos de pesquisa e planejando e organizando atividades voltadas para as necessidades e carências na formação dos estudantes de Letras, como o cineclube; e a prof.^a Mirna Aragão, coordenadora pedagógica do Programa de Leitura, que contribuiu muito, nos últimos anos, para repensar as atividades deste. Ambos consideravam que a concretização do II Concurso Literário LerUERJ: Prêmio de Literatura Carlos Drummond de Andrade era coerente com a tentativa de ampliar os horizontes e o campo de atuação do LerUERJ, em consonância com as demandas comunitárias.

Graças ao dinamismo desses companheiros de trabalho, incluindo as estudantes Larissa e Fernanda, que tomaram a frente e apostaram que o concurso iria acontecer, chegamos, enfim,

ao momento de divulgar o nome daqueles que apresentaram os textos que se destacaram no conjunto da interessante e variada produção enviada. Mais uma vez, a animação e a garra das duas estudantes e de seus colegas participantes do DALB levou-nos a aceitar que enfrentassem o desafio de organizar essa coletânea a tempo de publicá-la na ocasião da premiação dos vencedores do concurso literário. Resta agradecer a elas e a todos os colegas do Instituto que deram força para que o concurso se realizasse, em especial ao prof. Italo Moriconi, que, mais uma vez, formalizou seu apoio pessoal e o da EdUERJ, fornecendo exemplares de sua produção para a premiação.

Espero ter participado, com minha contribuição – muitas vezes atropelada por outros compromissos profissionais – e com o apoio pessoal e institucional, para que se enraíze e se desenvolva no Instituto de Letras essa vertente da criatividade, que é o principal motivo que leva a ele tantos estudantes de todas as idades.

Nesse momento, encerro minha participação como coordenador do LerUERJ e tenho certeza de que os talentosos profs. Bruno Deusdará e Mirna Aragão poderão levar muito mais adiante iniciativas como essas, que contribuem para abrir horizontes no Instituto de Letras. E que, como se espera de um programa de extensão, acolham e respondam aos anseios da comunidade externa – que confia nas possibilidades de contribuição da universidade pública para o enriquecimento da vida comunitária e a discussão crítica sobre nossa época.

Envio também minha saudação carinhosa aos estudantes que, na organização desse evento, desta coletânea, como em tantas outras ocasiões nesses anos, fizeram uma parceria amiga e construtiva com o LerUERJ.

Vocês responderam à pergunta no começo desse texto: sim! Os estudantes não somente produzem literatura, como também providenciam a sua publicação!

Meu obrigado emocionado e parabéns pelos resultados de várias iniciativas como essa – que não seriam alcançados sem o seu empenho e dedicação!

Victor Hugo Adler Pereira

Prof. associado de Teoria de Literatura da UERJ

POEMAS

NAUFRÁGIO (OU POEMA MOLHADO)

Giulia Romay

Amei-te como
Quem se joga ao mar.
Se oferenda.
Devota, me deixei flutuar
Entre as ressacas
A inundar nossa senda.

Amei-te como
Uma entrega
Fugaz e eterna.
Deixei fluir em mim
O que de mais profundo
Decantava no teu rio.
Fiz do teu oceano
Meu mundo.

Amei-te como
Tempestade.
Marinheiro e sereia.
Perdi-me no meu canto,
Perdemos sanidade,
Tornei pedra
Tua alma velejeira.

Amei-te como
Quem atraca.
Como oração
De pescador atendida.
A âncora a terra afaga,
Entesouro coração
E coragem e
Sigo em partida.

Amei-te como
Quem naufraga.
Mergulha num sonho.
Sal e água e eu.
Afundam o sonho
E a nau e a voz
Do fantasma teu.
Torna-te lenda,
Torno-me agouro.

Amei-te, enfim,
Como um choro.

HÁ TERCEIRA MARGEM DO RIO

Bianca Garcia

Alvorecia ali
Em frente à margem do rio
Uma nuvem de pensamentos longínquos

E Dalila dali vinha
Alvorecia ali
Distante dos confins da floresta
Uma cratera de desespero
Dor
E angústia
Porque Dalila dali via
Tudo aquilo que não seria
Mas o que ansiava ser

Enquanto Dalila não era
O que desejava ser
Ela inventava um codinome
Para essa persona alvorecer

Foi nesse momento, então
Que Dalila percebeu
Que naquela imensidão

Um sofrimento de nada ser concebeu
A inegável vontade
De cair nos braços de Morfeu

Dalila remou
Para longe da nascente do rio
E re-amou
Anulando a possibilidade de um estio
Esse rio mais parecia um labirinto
Onde afogamos nossas frustrações
E levamos pelo percurso um amor extinto
e oblíquo

Dalila sabia
Que ali ela teria
Que passar por talvegues
A fim de chegar aos vales
Assim como as amargas desventuras da vida
Em meio aos escassos prazeres da cannabis

Dalila remou
Re-amou
Des-amou
E enfim chegou
Mas por ali ficou
E deleitou-se no leito de um vasto rio
Enquanto ria da própria catástrofe:
A incessante busca do ser inexistente

Dalila viu, então
Que não adiantaria a procura perseverante

De uma identidade fixa
E com essa certeza excruciante
Alvorecia ali
O que jamais fora em tarde ser.

À MERCÊ DA SORTE / VIDA OU MORTE

Jorge Filho

Ouço a alvorada
Abro os olhos lentos, amarrotados
Dessa alma plangente

A chuva fina desliza no sofrido rosto
Sonhos esvaídos
Ecoam na algazarra dos pássaros

É carnaval
Crianças confundem-me na folia
Pulam, gritam!
Não reconhecem minha cor
Suja e frágil
Nem suportam odor
Apenas a noite conhece os gemidos
A abstinência lancinante

O coração pulsa
O homem ri e chora
A enorme tristeza de sua alegria, vida

Vida acesa na ponta do cachimbo
Só, o medo invade
Torna o tempo infinito

O rosto sofrido
Faz o carnaval dos gemidos
Grito, grunhido do homem
Esmiúça-lhe a carne
Marca a pele no desconforto dos ossos, morte.

SEPÉ TIARAJU

Márcio Belém

O canto do anu-branco rompeu com os primeiros raios do sol.

O céu, misto colorado e azul, refletido... no espelho d'água

[cristalino

Permanecia assim, imóvel e absoluto... embora o tempo fosse

[de luto.

Os olhos cor de terra... olhavam o céu, o anu e as águas

[banhadas de guerra

“Ah... meu peito que arde!

Chumbo em minhas entranhas...

Não hei de ver a tarde!”

O herói busca forças para se pôr de pé

O crucifixo lá das missões, em uma das mãos,

reforça sua prece de fé.

“Eia!

Alto lá!

Esta terra tem dono!”

Mas agora tem gosto de sangue... enquanto ímpios homens

[seguem adiante.

E vão como vão as serenas pragas... que amiúde se propaga

Canoas abarrotadas

Mosquetes nas mãos

“Ninguém será poupado...

Os corpos serão profanados

Desarraigados desses chãos”

“Minha carne agora flácida...

Arde queimada e ácida!

Tenho ódio desses espanhóis que vieram roubar nossas terras.

Tenho ódio desses espanhóis que nos ensinaram a rezar e fazer
[guerras!”

As águas do Uruguai (do grande Rio Uruguai) ouviram os
[muitos ais.

Mas eram passivas demais... era o destino... não podiam se
[meter.

“Sepé!” – gritavam os mosquetes dos espanhóis

“Sepé!” – os mortos faziam suas procissões.

“Eis-me aqui!

Atirai em minha cabeça, mas poupai os meus irmãos.

Encostai a garrucha em meu peito e atingi meu coração

Mas não cubrais mais a terra com sangue dos guaranis

Seja feito assim... seja feito como Deus quis”

Os espanhóis se embriagavam do sangue dos guaranis

Como quem se embriaga de aguardente de cassis

Riam... pisavam... escarneciam em frenesi

Tiaraju encurvado feito junco

Aguardando o tiro da misericórdia que não vinha

Via a sua alma em agonia... no drama que se tornou sua vida.

Até que o chumbo libertador veio

Emancipando-o de sua triste luta

O tiro atingiu-o em cheio na nuca

E a Morte acolhe-o em seu seio.

ESTRADA DE IPIABAS

Gabriele Guimarães

A grandiosidade das cidades
Me leva à solidão do vazio céu
E a solidão da escura estrada
Me faz chorar a beleza triste da lua.
Nada se vê.
A luz da lua de ouro
Quase de sangue
Me abraça terna e quente
E os violões cantam minha dor.
Mas, se a dor é a ausência de estupidez
E a presença do tesouro,
Quero ser poeta
E viver na solidão banhada de estrelas
Regida pelo calor frio
E belo
Da lua cheia de canções.
Lua,
Cansas as estrelas
Choras luar
Deitas serena
Casas contigo.
Pele de todo amor do mundo.
Teus olhos riem a noite
Teus pés pulam a madrugada
Para o dia,

Tristeza dos amantes,
Me tirar do sonho amargo.
Não penses na vida
Como felicidade cinza
Pois todos são cegos às grandes constelações.
Teus lustres e velas
Substituem nosso amor
E já não consegues cansar as estrelas.
Se tornaram mais solitárias
Mas para as ter,
O cinza deve ficar para trás
Como nuvem de tempestade
Carregada pelo vento
Frio.

IDEIAS SUTIS

Marco Dantas

Ainda comungo daquelas ideias sutis:
Sentir o vento no rosto, rir e ser feliz

Reviso os livros sem deixar resquício
Ouço vozes que relembram o rebuliço
Para o passado não desconstruir o futuro,
Escrevo o presente e alço o que há de puro
Inconsciente ou não, sou amante da revolução
A arte eleva e me leva junto de seu coração
As palavras justas ecoam até o entardecer
Não quero repressão, nem permissão, quero você

Ainda comungo daquelas ideias sutis:
Sentir o vento no rosto, rir e ser feliz

CRÔNICAS

VOCÊ SABE O QUE É A LAPA, MEU FILHO???

Deusdemóstenes de Antuérpia

Foi por volta de 1990, se não me falha a memória, que os amigos mais velhos da vizinhança me avisaram do show do Sepultura no Circo Voador. A banda estava retornando da sua primeira turnê europeia/americana, divulgando o álbum *Beneath The Remains*. Um sonho a ser realizado para um jovem *metalhead* campo-grandense de quinze anos incompletos. Só que tamanha aventura esbarrava num obstáculo aparentemente intransponível: a permissão familiar. Súplicas à mãe esgotadas, esta resolveu assumir sua porção Pôncio Pilatus e lavou as mãos:

— Liga para o seu pai. Ele é quem resolve.

Meu pai, falando do escritório, com voz inflexível e algo colérica, lança a questão tonitruante:

— VOCÊ SABE O QUE É A LAPA, MEU FILHO???

Recalcitrante e intimidado por dentro, mas tentando apertar a voz firme e decidida para um adolescente que mal havia transposto os limites do próprio bairro de origem, respondi, evitando a pergunta de meu pai, com uma justificativa desesperada, talvez a última cartada de que dispunha, a última bala na agulha:

— Mas eu vou com a galera daqui da rua, pai, são todos maiores e tão acostumados.

— ENTÃO VOCÊ ESTÁ POR SUA PRÓPRIA CONTA!!!

— sentenciou meu pai, resignando-se a contragosto.

E lá fomos nós, encarando uma composição oriunda de Santa

Cruz com destino à gare Dom Pedro II, para dali empreender uma caminhada de aproximadamente vinte minutos rumo aos Arcos da Lapa (estratégia de economia de alguns trocados para a bebida). Tudo era novidade, desde as figuras excêntricas vestindo roupas pretas, com os rostos pintados e cruzeiros invertidas penduradas no pescoço, na calçada do boteco Arco-íris, até elementos da plateia se dependurando do mezanino ao palco nas estruturas de vigas e vergalhões que sustentavam a lona do lendário espaço cultural, e se lançando ao público em desenfreado *stage diving*, por vezes me levando a confundir quem era da banda com quem era da plateia. Nada mal para uma primeira vez, meu *début* lapeano, do qual retornei para casa já pela manhã, suado e bêbado.

Dali por diante, minha vivência no underground carioca se intensificou, dividindo-me entre o point Sorvetão, um “pé-imundo” (porque chamar aquilo de pé-sujo seria demasiado indulgente) situado no que hoje é conhecido como o Baixo Méier, Caverna II aos domingos na Lauro Müller, ao lado do shopping Rio Sul em Botafogo, a então novidade Garage Art Cult na Rua Ceará, Praça da Bandeira, e o já consagrado Circo Voador, com algumas incursões extrarrotineiras aqui e ali, como o Largo da Igreja de Santa Cecília em Bangu ou o hoje finado Barroquinho em Icarai, Niterói, que cedeu espaço a um “bar de playboy” na atualidade. Vez por outra éramos agraciados com grandes shows de ícones da música pesada no Maracanãzinho, a exemplo de Venom, Exciter, Motörhead, Metallica e Iron Maiden, Black Sabbath no Canecão ou grandes festivais como o Rock in Rio 2 no Maracanã e Hollywood Rock na Praça da Apoteose, cujas bandas do cast tiveram a magnanimidade de abençoar seus fãs tupiniquins com memoráveis turnês naqueles difíceis tempos para quem curti heavy metal no Brasil.

Comprar discos também era uma via-crúcis, especialmente para um morador da zona oeste, em tempos nos quais o transporte coletivo era ainda mais precário do que hoje em dia, se é que tal feito seja possível. Era uma verdadeira Odisseia atravessar a cidade, transitando por lojas como Point Rock em Copacabana, Hard'n'Heavy no Flamengo, Subsom e Headbanger na Tijuca, Sempre Música no Catete, e por sebos de discos na Uruguaiana – que, infelizmente, hoje não existem mais –, em busca das últimas novidades lançadas em vinil, que conhecíamos por meio do programa *Guitarras*, da extinta rádio Fluminense FM, “A Maldita”. Bons e sofridos tempos...

A minha relação com a Lapa, porém, nunca se desfez. E não era essa Lapa dos gringos e das boates e bares “arrumadinhos” que hoje aparece no caderno de entretenimento do *R7TV*. Era a Lapa bandida, marginal, soturna, a Lapa dos assaltantes, travestis, prostitutas e traficantes – que já não trazia o glamour das primeiras décadas do século XX de personagens lendários como Madame Satã –, a Lapa dos cabarés, dos malandros, boêmios, capoeiras e compositores. Era a Lapa na qual me deparei, ao procurar por um botequim com cerveja mais barata na Mem de Sá a fim de me aquecer para um show da Dorsal Atlântica e Ratos de Porão no Circo, com uma cena inusitada: em frente a uma birosca de ambiente nada familiar, uma joaninha da PM e, na porta, um soldado apontando uma macaquinha para o teto do dito estabelecimento, de cujo forro antigo de lambri pendia uma perna. Sim, uma PERNA humana! Ao perguntar ao atendente do balcão o que se passava, este me informou que um assaltante que acabara de praticar roubo nas imediações, sendo perseguido pela polícia, correu para dentro do bar, ao que o atendente mostrou seu tresoitão na cintura e

lhe disse que “não pulasse ali senão levaria bala”, obrigando o azarado meliante em fuga a se esconder dentro do depósito no sótão do estabelecimento, onde, atrapalhado, acabou por fazer um buraco no forro com o peso do próprio corpo, tornando-se presa fácil para seus perseguidores. Nada mais típico daquela Lapa.

Os anos se passaram, a Lapa bandida foi revitalizada e transmutou-se em Lapa turística e de lazer, cultura e entretenimento, e eu continuei minhas andanças por aquele bairro tão presente em minha vida. Mesmo me mudando para Copacabana, já nos anos 2000, aquele lugar continuou a ser o meu quintal, agora já bem mais próximo do que antes. E, como se não bastasse a recente proximidade geográfica, ainda arrumei uma bela namorada capixaba que viveu boa parte da vida em Niterói e, ao me conhecer, mudou-se para o Bairro de Fátima. Não satisfeita, mudou-se depois para ainda mais perto dos Arcos, na Mem de Sá, onde passo os momentos mais loucos e divertidos dos finais de semana. Companhia melhor, impossível.

Hoje, se perguntado novamente por meu pai, seguramente eu poderia responder com firmeza e decisão à pergunta não respondida de 26 anos atrás:

— Sim, pai. **HOJE** eu sei o que é a Lapa!

A QUE DEVE SER AMADA

Luiz Paulo Labrego

Eu me chamo Amanda, tenho 40 anos e trabalho em uma loja de artesanato na cidade de Itaguaí. Confesso a vocês que nem sempre me chamei assim. Em meu RG, infelizmente, ainda consta Casimiro José Silva de Abreu, homenagem de minha romântica mãe ao grande poeta. Dos meus oito anos de idade em diante, percebi que me identificava com o gênero feminino: gostava de usar as roupas das minhas irmãs, os modestos sapatos altos de minha mãe e os batons de titia, gestos sempre muito bem-aceitos e encarados como uma brincadeira de criança. Minha mãe morria de rir ao me ver em cima dos saltos, acariciava minha cabeça e dizia que um dia eu seria um grande artista. Minha irmã mais velha, de cujos vestidos eu mais gostava, beijava-me e sussurrava baixinho ao meu ouvido: “Tenho tanto medo de você sofrer”.

O tempo foi passando, e aquele tipo de “brincadeira”, sendo reprimida. Nunca mais pude me imaginar como princesa e muito menos dizer que um dia encontraria meu príncipe encantado, como costumava afirmar à minha família naquelas risonhas manhãs de férias em que ficávamos no quintal de casa brincando de artista.

Quando entrei na adolescência, a minha falta de identificação com o masculino agravou, sobretudo nas aulas de educação física, em que eu era humilhada e discriminada pelo meu jeito afeminado. Essa situação piorava a cada dia. Não sentia vontade de estudar, não me relacionava com ninguém e fui de melhor aluno a um

dos piores da classe. Sofria calada cada humilhação e não tinha com quem desabafar sobre essa minha característica particular. O carinho de minha irmã mais velha era o único conforto que eu tinha. Era com ela que eu podia contar sempre que algo de ruim acontecia no meu dia a dia. Em meio a tristezas e reprovações sociais, sonhava com o dia em que me mudaria para Copacabana, uma vez que sabia que não poderia viver naquele fim de mundo onde as pessoas jamais entenderiam a minha diferença.

Prestes a terminar os estudos, fui agredida por cinco colegas de turma e nunca mais consegui retornar à Escola Estadual Patronato São José. Larguei meu sonho de ser jornalista forçadamente. Tinha à frente um mundo que me esperava, mas fui brutalmente interrompida pela homofobia. Passei duas semanas no hospital com duas costelas quebradas, a córnea deslocada e os sonhos destruídos. O pior de tudo foi escutar de minha própria família que eu era a grande responsável pela agressão. Meus pais me culpabilizaram por ser quem sou e por não evitar o erro e a conduta raivosa de todos aqueles que tinham me agredido gratuitamente: com a ajuda deles, passei de vítima a vilã na cidade. Após me recuperar fisicamente, tive de lutar contra a depressão: não comia, não saía de casa, não levantava sequer da cama. Era uma mistura de indignação, tristeza e vergonha. Não recebi o apoio da minha família, exceto o de minha irmã mais velha, que por essa data já tinha seus 22 anos. Meu pai, não aguentando a pressão de defender o filho afeminado, expulsou-me de casa. Minha mãe nada fez: nem um *adeus* e um *boa sorte* foi capaz de me oferecer.

Eu e Amanda, minha irmã mais velha, fomos morar em uma casa alugada. Eram apenas três cômodos – quarto, cozinha e banheiro –, mas era o lugar mais seguro e mais feliz em todo o mundo.

Minha irmã me aceitava, e a cada dia ficávamos mais próximas. Ela trabalhava nessa mesma loja de artesanato em que hoje trabalho, de onde tirava o nosso modesto sustento. Assim vivemos por dez lindos anos. Não que o preconceito e a discriminação tenham acabado, mas sabia que tinha com quem contar e, sempre que voltava para casa, tinha o afeto de minha irmã.

Com o apoio dela, comecei a minha transformação e a cada dia me tornava ainda mais mulher. Comprava apenas roupas femininas e, com a ajuda da Amanda, conquistei uma profissão: artesã. Ela me ensinou tudo que sabia sobre artesanato e hoje faço de tudo: tapetes, vasos de cerâmica, lençóis. Tudo. Trabalhávamos duro para conseguir pagar as contas. E como alguém poderia dizer que nós duas não éramos uma família? Família não é aquela que nos apoia quando mais precisamos? Não é aquela que nos oferece amor? Amanda era a minha família.

Aos 33 anos de idade, meu anjo da guarda me deixou. Um câncer de fígado arrancou de mim o meu maior bem. Até hoje não consegui me recuperar da dor dessa perda. Em meu nome guardo saudade, dor e o único afeto que tive em toda minha vida. Meus dias passam dando pista de que toda essa tristeza um dia passará. No leito de morte, minha irmã me disse: “Nunca abaixe a cabeça para ninguém e mostre ao mundo a linda mulher que você é”.

Não mudei de cidade e só agora, aos 30 anos, estou terminando o ensino médio. Não sei se conseguirei cursar jornalismo. Pelo que tenho lido nos jornais, as universidades também não estão preparadas para receber pessoas como eu. Sem família, meu foco agora é mudar de sexo. Estou tentando fazer a cirurgia pelo SUS, para depois conseguir trocar meu nome na identidade: Amanda Silva de Abreu, exatamente como minha irmã se chamava.

PAPAI NOEL CHEGOU MAIS CEDO

Fábio da Silva

Passo a relatar um fato verdadeiro, que aconteceu comigo em abril deste ano. Era domingo de manhã, fui à banca de jornal, comprei um vespertino, como de costume, e retornei para minha agradável e confortável cadeira na varanda.

Na capa do jornal, havia uma foto grande do presidente e a frase: “Escândalo abala o Planalto. Petrobrás...”. Refleti por alguns instantes sobre o Brasil. Apesar de todos os impasses políticos deste ano, o ano de 2013 tinha figurado nos telejornais como relativamente bom.

A classe “C” brasileira (que foi descoberta somente em 2011 pelo “governo de todos”) surgiu como a grande consumidora na quarta maior economia do mundo. Como não poderia ser melhor, as compras no exterior e as viagens de avião tiveram uma frequência muito maior, causando congestionamento no espaço aéreo.

Após ler o meu jornal, decidi ligar a TV para assistir a meu programa costumeiro, mas ela deu mostras de não estar muito a fim de sintonizar. Subi no telhado para ajeitar a antena da TV e quem eu encontro sentado no telhado? PAPAI NOEL. Olhei estarecido e perguntei a ele:

— Tudo bem com o senhor, Papai Noel?

— Tudo bem uma ova — respondeu com uma voz de tristeza e melancolia.

— Aconteceu algo ruim? — perguntei, ainda sem acreditar.

— Tô chegando mais cedo para dar tempo de resolver todas as coisas, senão não terá Natal esse ano.

Naquele momento me deu um frio na barriga e, por um instante, fiquei sem ar. Fiz um esforço enorme para encher o pulmão de ar e perguntei:

— O senhor não acha que chegou muito, mas muito mais cedo? Ainda é abril, e o senhor já veio...

— Vou explicar, meu filho. — disse, com aquele olhar manso e meigo do bom velhinho que vem para alegrar as nossas noites de Natal. — No ano passado, eu fiz como de costume e preparei os meus presentes, e quando deu meia-noite do dia 24, eu saí do Polo Norte para distribuir os presentes a todos os que foram bonzinhos durante o ano. Consegui ter sucesso em todos os países, porém, quando cheguei aqui no Brasil, me deparei com um congestionamento aéreo terrível. Ao passar por um aeroporto, tentei fazer contato com a torre de controle, mas o controlador (que era de uma empresa terceirizada) me perguntou em um inglês horrível se o meu “transponder” estava ligado. Não entendi e resolvi descer na pista. Assim que desci, já veio a Polícia Federal solicitando o meu passaporte. Tentei explicar que não tinha passaporte, porque eu era Papai Noel e tinha livre acesso a todos os países, mas mesmo assim me levaram para uma sala de espera do aeroporto. Depois de aguardar umas 2 horas, fui interrogado por cerca de 24 horas a respeito de tudo o que eu fazia. Pelo fato de ninguém entender o meu trabalho, chamaram a polícia de Diadema-SP. Me bateram até eu confessar que eu era imigrante ilegal tentando entrar no Brasil sem passaporte. Me questionaram a respeito do meu carro e perguntaram onde estava o meu Renavam e se o IPVA

estava pago. Não acreditaram que o meu carro voa e pediram o meu brevê de piloto. Como eu não tinha esses documentos, me levaram para a cela da carceragem da Polinter na Praça Mauá. Assim que eu cheguei na carceragem, me perguntaram se eu tinha licença para andar com renas. Solicitaram a licença do Ibama, porém, como as renas são do Polo Norte, não pude apresentar a autorização, então me levaram para um calabouço, me colocaram nu e me deram choque até eu confessar que eu era um laranja entrando com produtos e animais ilegais no país. Por fim, os meus ajudantes gnomos tentaram me visitar, porém a polícia militar os apreendeu pensando que eram menores abandonados, uma vez que não puderam apresentar os documentos de identidade. Passadas 48 horas de agonia diante de tantas desgraças, me liberam pedindo desculpas, pois ligaram para o Polo Norte e para a Branca de Neve e os Sete Anões, que puderam confirmar tudo. Quando saí, recebi uma papelada com instruções de como legalizar o meu carro, as renas e também a minha documentação pessoal. Ainda me recomendaram que eu providenciasse isso o mais rápido possível, para que no ano de 2013 evitasse passar por esses constrangimentos. Eu até que iria desistir de fazer o Natal de 2013 aqui no Brasil, mas, a pedidos da Alice, do País das Maravilhas, eu resolvi seguir as regras propostas.

— E quais foram as regras propostas, Papai Noel?

— Bem, para legalizar o meu carro, vou precisar apresentar os documentos do fabricante; para emplacar, pagar uma taxa, o IPVA, o Renavam e aguardar o prazo de 190 dias; depois, ainda vou precisar fazer uma vistoria no automóvel, pagando um Duda, e tirar carteira de motorista, pagando autoescola e mais um Duda para o Detran. Para tirar os meus documentos pessoais,

eu preciso ir ao Consulado, passar por uma entrevista, pagar uma taxa de mais de mil reais e aguardar a resposta em, pelo menos, 120 dias; para legalizar os presentes, preciso ir à Receita Federal e apresentar as notas fiscais de compras, pagar um imposto de 30%, dar um presentinho ao despachante e depois aguardar a Receita Federal liberar os produtos na alfândega, prazo de 180 a 360 dias; e, por fim, para que eu legalize as renas, eu preciso dar entrada na papelada, confirmar a origem delas, pagar uma taxa de, pelo menos, dois salários mínimos por animal e aguardar um prazo de, pelo menos, 25 anos para ter a licença desses animais – pelo menos por enquanto posso andar com a licença provisória, que leva entre 180 a 250 dias para ser expedida.

— E o senhor acha que vai conseguir resolver tudo isso antes do Natal? — perguntei.

— Bem, com o aumento da classe “C”, que tá cheia de dinheiro para gastar, vou contratar os “anões do orçamento” que trabalham no Planalto, pagando um mensalão por mês para me darem uma força na liberação dos documentos. Tenho certeza que lá ninguém vai saber de nada.

AMOR MAIOR

Gabriele Guimarães

Já eram trinta minutos de atraso. Uma vez minha mãe me disse que a espera aquece o amor, mas se matou pelo meu pai. Nunca o conheci e, acho eu, não tenho do que reclamar. Mais dez minutos e sairia do restaurante. Em casa havia sentido que hoje poderia ser diferente. Jantar a dois no japonês barato do bairro, verão, oito da noite, nada de engarrafamento. Nada poderia dar errado. Tanto tempo juntos, raros atrasos de cinco minutos. Acendi um cigarro. Prometi, há uma semana, a mim mesma, que não fumaria mais, mas tive de abrir uma exceção. Trinta e cinco minutos. Descobri o quão odioso é o atraso. Já estava me preparando para pagar a cerveja que eu havia tomado quando o Pedro chegou. Não posso dizer que foi a maior felicidade da minha vida, mas sorri para ele. Ele me sorriu de volta e me beijou. Pedimos a comida e conversamos sobre coisas cotidianas, totalmente inúteis, como o filme que iria estrear, a vinda do presidente norte-americano ao Brasil e o lançamento de um novo celular com coisas desnecessárias à vida humana. Paramos as conversas, e ele pegou minha mão. Estava suando e tremendo. Tirou um pequeno pacote quadrado do bolso, abriu e me pediu em casamento. Nem pensei, com a alma lavada e cara limpa respondi: “Não!”. Ele empalideceu. Eu o amava, mas me amava mais. Tirei uma nota de cinquenta da bolsa, coloquei-a sobre a mesa, levantei e saí. Algumas pessoas notaram e ficaram assustadas, e ele continuou estático sobre a cadeira. Nunca mais nos vimos.

CONTOS

ALA 7

Viviane Roux

“Além daqueles trinta cadáveres, outros 1.823 corpos foram vendidos pelo Colônia para dezessete faculdades de medicina do país entre 1969 e 1980. Como a subnutrição, as péssimas condições de higiene e de atendimentos provocaram mortes em massa no hospital, onde registros da própria entidade apontam dezesseis falecimentos por dia, em média, no período de maior lotação. A partir de 1960, a disponibilidade de cadáveres acabou alimentando uma macabra indústria de venda de corpos.” (ARBEX, Daniela. A venda de cadáveres. In: _____. *Holocausto brasileiro*. São Paulo: Geração Editorial, 2013, p. 76.).

Primeiro vieram uns homens e falaram que a gente tinha que obedecer. Eu não concordava com aquilo, mas ali o pensamento ficava só na cabeça, mesmo porque o corpo, que era só corpo, fazia o que tinha de fazer. Uma velha segurou meu braço com firmeza e me colocou sentada. Olhei para o chão e vi uns tufo de cabelo sem vida. Não que eles tivessem vida nas cabeças, mas no chão estavam mais perto de parecer lixo e coisa morta. Eram pretos, com alguns salpicos de loiro e tufinhos ruivos. Eu amava os cachinhos vermelhos da Sônia. A velha falou:

— Fica parada.

Eu pensei: *nem fodendo*.

Mas o corpo ficou imóvel. Aí eu ouvi a máquina *trrrreeehhhmmmm* e o cabelo caindo, pintando o ladrilho de castanho claro.

De repente me bateu um vento gelado na nuca, e não posso dizer que a sensação não era boa. Empurraram-me para fora dali. Coloquei as mãos na cabeça, tentando escondê-la, mas ninguém se interessou por mais uma careca.

Esse era o dia da novidade no Colônia; veja bem, não é que a novidade seja boa, mas a gente inventa coisinhas para o dia passar, para a vida passar mais rápido. Que nem esparadrapo. Mas vida dói mais para sair.

Teve o dia da novidade roupa-no-saco, e todos ficaram animados. A ala feminina estava em festa: tinha gente que nunca tivera uma roupa nova, tinha gente que sequer se lembrava de como era usar roupa. Eu peguei meu saquinho e demorei a abri-lo. Lembrei-me de mamãe no primeiro dia de escola:

— Não vai sujar o sapato, não pisa nas poças.

Ela tinha mania de cuidar. Naquela época éramos nós duas e o medo do Demônio vir. Ele vinha várias vezes durante o dia; hoje ele vem só à noite. Nós combinamos isso, num acordo tácito, dentro da minha cabeça, desde que mamãe se foi. Ele vem à noite, ninguém o vê. Quando acordo com dor de cabeça e espuma no canto da boca, sei que ele veio me visitar. Demoro mais deitada, finjo que estou um pouco enjoada, eles me dão um remedinho amargo. Às vezes perguntam para a Sônia:

— Ela convulsionou?

A Sônia sabe que não é para falar:

— Não vi, não.

E tudo fica bem. Sem choque, sem remédio que faz dormir por dias, sem exame que olha dentro da cabeça.

Cheguei aqui um mês depois que mamãe foi embora. Desfazendo o combinado de que eu iria antes, um ônibus veio buscá-la

em cima da calçada. Não foi culpa dela; talvez do motorista ou de Deus, vai saber. Depois que colocaram 47 pás de terra em cima de seu caixão miúdo, tia Olga veio falar:

— Sobrinha, querida. Acho que você pode morar conosco até completar dezoito anos. O que acha?

— Está bem, tia — respondi meio sem querer.

Eu sabia que minha mãe não concordaria com aquilo; ela e Olga nunca foram amigas. Mas a obrigação de família fazia com que aquele convite fosse aceito. O medo do Demônio me fez aceitá-lo. E fomos os dois, eu com dezesseis, ele com quinze anos, juntos para a casa da tia Olga.

Em treze dias, ele apareceu trinta vezes. Parecia saber que eu não queria ficar ali. Tia Olga, nos primeiros dois dias, me dispensou uma atenção até então escondida; eu a ouvia falar para as visitas:

— Tadinha. Perdeu a mãe e é tão doente, só tem a mim.

Depois das visitas do Demônio e de uma tia que às vezes fingia não ouvir meus gritos de medo, ela achou por bem me levar para um lugar em que pudessem cuidar de mim melhor.

— É só por um tempo, você sabe que não consigo cuidar de você como sua mãe fazia. Eu tenho tentado, mas os médicos do Colônia têm uma ala especial para casos como o seu. Você fica lá até melhorar.

No primeiro mês, ela veio todo domingo. No segundo mês, domingo sim, domingo não. Depois de seis meses, não a vi mais. Ela disse na última vez:

— Seu tio foi transferido, mas não se preocupe, sempre que viermos à cidade, viremos aqui. E tem as cartas, não deixarei de mandá-las.

Naquela hora o Demônio riu dela e tentou sair de mim. Eu o engoli de volta, desejei boa viagem e fui para a cama deixá-lo sair.

Depois da última visita da tia, eu passei a ser mais uma ali que não era um. Que sequer era um número, estava mais para aquilo ou aquela. Roupas doadas que viraram farrapos. A agendinha que trouxe de casa e cujas linhas se acabaram. Depois passei a escrever acima do que havia sido escrito, fazendo de uma linha duas. Depois pedi um caderno novo. Depois passei a escrever nas paredes e, depois que a loira alta com cabelo de codorna me deu um empurrão, parei de escrever para sempre.

O Demônio vinha às vezes e causava grande comoção no meu setor. Realmente tinha um homem, dr. Não Sei o que Figueiras, que estudava esses casos, embora eu achasse que eu não passava de uma cobaia para os mais variados testes. Foram-me aplicados todos os tipos de exames, mas o que mais me incomodou foi um em que eles faziam o Demônio vir de propósito, com luz *strobo* nos olhos. Tentavam ler o que ele dizia com aqueles eletrodos que nunca dizem nada além de linhas tortas. Um dia perdi o medo e combinei com ele que nunca mais ele viria durante o dia. Quando sentia que ele estava vindo, deitava, me esforçava para que ele fosse embora, rezava para mamãe. Consegui. Sendo assim, me tornei desinteressante para o dr. Figueiras, e me transferiram para a ala das loucas que não são loucas, ou ala das mulheres que estão aqui porque ninguém as quer mais.

Na ala 7 moram setenta mulheres. Sempre tem uma nova, uma que chegou há pouco e não durará muito tempo também. É difícil ficar. Tem que ter estômago, atender a alguns critérios, tem que ser antes de parecer, o que é difícil. As famílias, quando a consciência reclama, vêm buscar, e muitas de nós acabam trancadas em um quarto dentro de casa, tão solitárias quanto aqui, entre comprimidos e ondas de ressaca alta.

Conheci Sônia, que veio simplesmente porque o marido arranjara uma amante e não sabia o que fazer com a mulher. Coronel do exército, não foi difícil lhe arranjar um lugar no Colônia. Até hoje ouço o choro baixinho de quando ela chegou, os pedidos insistentes para falar com o diretor que nunca vimos e depois os olhos revirando quando lhe aplicavam uma daquelas injeções que deixam o braço roxo por dias. Hoje Sônia passa os dias deitada, esperando o tempo passar, alguém se lembrar, o marido se arrepender. Às vezes ouço sua voz:

— Não vi, não.

E sei que ela viu, que sabe e que se importa. Só que é mais fácil não se importar.

Comecei a sentir que estava perto de ir para fora. Eu tinha 27 anos, e a minha aparência era de 40. Perdi dois dentes da frente, um em cima e um embaixo, numa dessas vezes em que tentei segurar o Demônio dentro de mim. A careca e a magreza não favoreciam, e, depois de uma tentativa malvada de um enfermeiro, que só foi tentativa por causa do Demônio que apareceu e me salvou, passei a achar bom ser feia. Feia e velha. Feia, velha e maluca.

No último dia no Colônia me lembro de passar pela Sônia. Ela tinha urinado e estava com vergonha. Tinha um banco verde de plástico, atrás de uma mesa também verde e também de plástico, e sentada no banco, quase de plástico também, estava Sônia: mijada e envergonhada. As pernas cruzadas tentavam esconder o que ninguém se interessou em olhar: uma marca escura crescendo na bermuda bege e os pingos de urina fazendo *tlim-tlim* na pequena poça. Ninguém viu, porque ninguém quis ver. As enfermeiras, no seu eterno procrastinar, se arrastavam esperando o turno acabar. As outras pacientes da ala 7 passavam e apenas passavam. Cada um tem um mundo vasto, só seu para dar conta, e isso

ocupa toda a atenção que são capazes de criar. Eu vejo, faz parte do meu mundo ver. Porém é como tela de cinema: está na minha frente, quase posso tocar, mas não participo dela.

Nesta manhã eu demorei demais para levantar; a fraqueza depois da visita estava cada vez maior. Quando a enfermeira cabelo-de-codorna pediu para eu olhar para uma luz de lanterna, eu fechei os olhos e vomitei. E a Sônia sentada. A codorna, não se importando com a mancha em sua bermuda, perguntou:

— Ela convulsionou hoje, Sônia?

Pegaram-me pelo braço, colocaram na frente da mulher. Ela olhou para baixo e respondeu quase que de forma inaudível:

— Não vi, não.

— Mentirosa. Mijona e mentirosa! — disse a enfermeira velha.

Sônia se encolheu ainda mais. Quase desaparecendo. Levaram-me; eu deixei, depois de um tempo eu passei a deixar. Não eu-eu, mas meu corpo, que sabe que tem que obedecer. A enfermeira me colocou na maca de metal frio. Quinze eletrodos; os que ficam atrás das orelhas são mais geladinhos. Fecho os olhos, já sei o que eles querem.

Dr. Figueiras entra na sala e dá instruções para a equipe, que parece não o ouvir, embora faça tudo que ele manda. Maquinalmente. Acho que é hoje que eu vou. O Demônio sussurrou essa noite que eu ia. É hoje, e eu já sei. É hoje, e eu deixei um pacote de biscoito maisena embaixo do travesseiro da Sônia.

Carga um. Um tranco. O.k., é assim mesmo. Carga dois. Um tranco ainda maior e, olha, estou em pé agora e vejo o bigode do dr. Figueiras – ele é ridículo. Tranco três e um barulhinho que eu já ouvira algumas vezes. Parada. Ressuscita. Não, hoje eu não volto para vocês.

Ninguém fechou meus olhos, e eu continuei vendo. Tudo bem que eu não estava ali-ali, mas meus olhos ainda poderiam ver alguma coisa. E eu não queria que eles vissem assim, longe de mim. Fechei os olhos com força, eles continuaram abertos. Ficamos ali, eu e os olhos, eu e o corpo magro, eu e o ar com cheiro de mofo. Até que colocaram um pano branco, branquíssimo, um papel em cima em que se lia “Universidade de Minas Gerais”. E eu fui. Eu e a Maria José, que havia sumido um mês antes e ninguém deu conta. Fomos as duas para o Centro Anatômico da UMG. Eles sabiam que minha tia jamais reclamaria o corpo – havia um boato de que eles faturavam uma grana alta com essas vendas. Eu estava achando divertido. Eu e Maria, Maria, meu corpo, nós três, indo para a universidade assim, entrando pela porta dos fundos.

Um homem passou um líquido muito fedorento nos nossos corpos, e eu sentia aquele cheiro nauseante e não podia fazer nada. Sentia o cheiro, mas não sentia o pedaço de gaze passando pelo meu corpo, que àquela altura já estava frio e seco. Igual ao cabelo que eu vira há uns meses sobre o chão de ladrilho. Igual à voz da tia Olga dando tchau pela última vez.

Ficamos lá, no escurinho. Maria dentro de uma caixa, picotada em pedacinhos. Eu ainda inteira. Os olhos abertos. E entrou uma turma, uns rapazes com cara de gente rica, umas meninas medrosas, gente que nem sabia da existência do Colônia. Ou até sabiam. Mas não sabiam como eu, não viam como eu, afinal, eu tinha dois olhos secos e dois olhos que viam além dos outros dois.

Um mais velho se dizia professor e começou a falar de osso, e eu pensei que osso era uma coisa que eu tinha e muito. Todos eles. Saltando por debaixo da pele. Ele pega uma faca. Sinto um frio na espinha, nessa que eu tenho agora, não na que está em

cima da mesa, mas é como se fosse naquela. O tal professor passa a mão atrás da minha perna, faz um corte profundo. O corte não sangra. Sinto o corpo todo fibrilar. O coração começa a bater muito forte, e eu, nossa, eu acho que eu vou.

Abro os olhos e vejo o bigode escroto do dr. Figueiras. Não hoje. Ainda não.

FOTOGRAMAS

Quasilúnio

Durante a Segunda Guerra, os soldados só tinham tempo de ler as cartas uma única vez antes que elas fossem metralhadas por balas ou gotas de chuva. A batalha cuidava de assassinar, borrar caligrafias. Não havia jeito de preservá-las. As fotos também. Pouco a pouco, a pessoa no retrato ia desaparecendo até que só restasse um papel em branco. Foi assim durante a Primeira Guerra, nas guerras antes dela, na Segunda Guerra, e suponho que será assim nas próximas.

O momento em que um soldado ia ler uma carta era semelhante ao da última refeição do preso no corredor da morte. Era um momento solene. Era comum, em meio ao caos e à destruição, ver um soldado lendo uma carta ou escrevendo da maneira que podia. A leitura era o pouco que restava de humano ou daquilo que mantinha uma lembrança de humanidade nas tropas. Essas epístolas eram mal escritas, em papéis amassados e velhos, que ficavam guardados nos bolsos de suas calças, dentro dos coturnos ou no fundo de seus capacetes. Eram feitas a carvão, a lápis pequenos do uso, apontados com faca ou qualquer coisa que estivesse à mão.

Nos dias de recebimento do correio, grande agitação tomava conta da base militar. Seguido à ansiedade e à inquietação, um silêncio se instalava no acampamento. Nessas horas o tempo parava. Não havia bombas nem tiros. Não havia guerra. O horário da correspondência era o mesmo em todas as bases, então uma

trégua momentânea era concedida. Aliados e inimigos liam com avidez o relato daqueles que lhes escreviam, tentando saber notícias sobre o mundo. Queriam palavras de consolo de suas mulheres. Fotos. Pingentes. Perfumes. Colares. Qualquer coisa que fosse externa àquilo. Que viesse de fora. Usavam esses objetos como amuletos, uma forma de não esquecer que lá fora ainda havia um mundo. Durante os bombardeios, eles seguravam esses objetos e fechavam os olhos. Alguns os deixavam ao alcance da vista e contemplavam aquelas miragens. Achavam que dali viria alguma resposta ou ordem de cessar fogo. Estavam doentes. Padiam física ou mentalmente. A enfermidade da guerra até hoje não foi classificada. Atacava diretamente ao espírito. Durante a noite muitos deliravam. Tinham pesadelos terríveis e dormiam abraçados junto às suas cartas, tiritando de febre. Era dura a vida no front.

“Guerra”, por exemplo, era uma palavra banida do vocabulário dos soldados. Escolhiam outras palavras, sinônimos mais leves: “conflito”, “batalha”, “luta”. Até mesmo “front”. Achavam que a musicalidade da palavra poderia suavizar o que estava sendo feito. “Guerra” não. No que escreviam para os seus parentes e amigos, não se podia mencionar tal palavra. Frequentemente se via “aquilo” nas cartas. Os soldados diziam que tudo “aquilo” acabaria logo.

Grandes amores morreram na guerra. Alguns homens preferiam morrer olhando para a foto da mulher que amavam ou lendo uma última vez uma carta preferida. Melhor que correr em direção ao inimigo atirando alucinadamente como os outros. Você estava ali, no campo de batalha, tentando se orientar em meio às explosões e às cortinas de terra se levantando, virava para o lado e via um soldado olhando um retrato, beijando-o, dizendo juras de amor. *Boom. Cataplufi. Trá-tum. Fim.*

A guerra traumatizava. Provocava amnésia temporária ou permanente. Nos casos mais graves, alienação completa do mundo. O vulgar louco. Do soldado raso eram desconhecidas as estratégias e objetivos. O sujeito era mandado para matar sem nem saber o porquê. Eu era um pobre jornalista misturado com soldados mais miseráveis que eu. Vivi quase o mesmo horror que eles. Só não tive de matar. O que me salvou foi a câmera. Ela criou o distanciamento que me manteve são. Passava 24 horas por dia olhando através dela. A realidade chegava até mim filtrada por pelo menos cinco olhos: os meus óculos e as três lentes que compunham a câmera com que eu fotografava tudo que via. Me convenci de que estava num filme e passei os dias vendo o que me rodeava como se estivesse de fora. O aparelho permitia que eu registrasse a história sem fazer parte dela. Me subtraía da loucura. Estava ali apenas clicando.

Uma das táticas da guerra é o esquecimento. Deixar o povo atacado sem memória. Saqueava-se a cultura. Roubavam-se os documentos, os livros, os mapas. Todo o acervo bibliográfico era levado e muitas vezes destruído. A história daquele povo era roubada. Hitler tentou fazer coisas parecidas. De repente, eles acordavam um dia e não sabiam de onde tinham vindo, quem tinham sido seus heróis, nada. Depois vieram as lobotomias. As lavagens cerebrais. Apagar a memória à força. Mas esses métodos não conseguiram superar a amnésia pelos livros. O esquecimento era um veneno lento usado durante a guerra. Ia desconstruindo a identidade. Anulando o sujeito. Logo a nação não tinha mais de que se orgulhar. Não tinha mais nada a transmitir. Tiravam deles a capacidade de contar histórias, e pior: a sua própria.

Em um lugar, no entanto, eles tentaram fazer isso. Foi após uma guerra esquecida. Do dia para noite o povo se viu sem passado. Foi preciso então inventar. Diante da falta de relatos e registros, aquela nação se viu obrigada a inventar a própria história. E assim foi. Todos participaram da construção coletiva da narrativa. Algo lá atrás precisava fundamentar o agora, ou o presente deixaria de ter sentido. Parece que o lugar se chamava... Como era mesmo? Ficava localizado em—

(Diário de Vladimir Molotov, Leningrado, maio de 1943)

Relatório final: o paciente Hans Klaus, 34 anos, ex-soldado alemão, continua apresentando alucinações, lapsos temporais e crises de identidade. Ele modificou os acontecimentos e apagou de sua memória todos os crimes de guerra. 29 de fevereiro de 1946, Nuremberg, Hospital Psiquiátrico AllesBlank. Doutor Johan Herzog, médico-chefe.

O FINAL DO CONTO

Bruno Furtado

Acordei naquela manhã com um raio de sol que incidia sobre meu olho esquerdo e que, começando a queimar, forçou o emergir da consciência do fundo de um sono bom. Ri da imagem de um arco-íris que me surgiu na mente e me pareceu bela. Apesar do sol, parecia estar chovendo. Inclinando a cabeça para o lado para poder abrir os olhos, dei com uma corrente de ar que trazia um cheiro adocicado conhecido. Uma nuvenzinha de vapor entrava por debaixo da porta do quarto. Realmente, o banheiro ficava muito próximo. E a noiva tomava banho já há bastante tempo.

Pois bem: agora entendia que, em sonho, havia-me sido descoberto o final do conto que concebera fazia quase uma semana, mas cujo final – o final somente – permanecia um vácuo a ser preenchido. Todo o resto era rigorosamente o próprio ideal de perfeição da arte do conto se fazendo matéria. E com que prazer eu não poderia deixar de me maravilhar diante de tamanho feito? Teria já a humanidade chegado tão próximo de ver materializado algo que se elevasse à mesma altura de sua capacidade de desejar? Perdia-me nesses sonhos que, agora, tornaram-se realidade. Lembrei-me de uns navios que um dia vi, muito longe, enquanto brincava em alguma praia do Atlântico: quando levantei os olhos da areia, dei com aqueles pontos misteriosos no horizonte da América. Pude agora ter certeza da resposta da pergunta que me perseguiu desde então: eles estavam vindo, e não indo, e era, sim, a primeira vez que aqueles marinheiros avistavam aquela terra

onde eu brincava, não a segunda ou terceira; terra que ninguém além deles havia visto e que havia de lhes pertencer. Meu conto abria-me a porta para essas verdades que sempre persegui.

Sáí de minha casa: por algum motivo tive necessidade de ver meus pais e de lhes pedir perdão. Afinal, a paz que estava prestes a sentir levava meus pés por aquele caminho que um dia percorri com lágrimas de ódio nos olhos, fugindo e buscando uma mulher, um emprego e uma casa para me fazer esquecer tudo. Agora percorria apressado o caminho em sentido contrário, buscando a reconciliação com os pais que deixei desamparados e infelizes.

As árvores sorriam enfileiradas pelas ruas, estendendo sua sombra generosa e benevolente sobre a multidão que caminhava apressada entre o ar quente estacionado no dia ensolarado e sem vento nem nuvens. Eu sorria de volta para elas e para o arco-íris, escondido pelas copas densas. E olhava com complacência para a humanidade no seu fluxo colorido e rumoroso. Então era tudo simples, no final das contas. Quando se tem o final do conto, tudo revela sua verdade, que é muito simples, posso garantir-lhes isso.

De repente, senti que duas figuras me acompanhavam de perto. Com certeza me seguiam, concluí em certo momento. Voltei para trás a cabeça e olhei-os nos olhos: eram dois homens vestidos de terno. Tinham ambos os cabelos pretos lisos e bem curtos, a ponto de não ser necessário penteá-los. A altura de ambos era parecida, assim como a fisionomia e o porte físico, no geral. A maneira de andar, de olhar (ambos retribuíram e me olharam igualmente nos olhos) e todas essas infinitas variáveis que podem ser observadas em alguém andando na rua a título de conferir-lhes particularidades eram em ambos semelhantes, embora não idênticas. Entretanto, em nada causava estranheza

a semelhança da dupla, a não ser depois do exame atento, especialmente após a constatação de que estava sendo seguido por ela. Após aquela fração de segundo, voltei a cabeça para frente e continuei a caminhada.

Não demorou muito até que eles se colocassem a meu lado, sem qualquer tipo de cuidado ou receio. Pareciam, como eu, com muita pressa. Um deles falou: “Vós deveis vir conosco.”. E o outro: “Vós sois o Salvador.”. E o outro novamente: “Há pressa, não temos tempo a perder. Acompanhai-nos!”.

Olhei para a rua, mas o tráfego de veículos era intenso, não poderia atravessar para o outro lado. “Não há o que temer, somos vossos servos.” “Mas se vós tentardes fugir, seremos obrigados a forçar-vos a acompanhar-nos.” “Não queremos, obviamente, usar desse expediente, pois deve ser vossa a escolha de submeter vossos servos.” “Olhai a pirâmide que se eleva à nossa direita. Esse é o vosso templo. Não queirais que se manche de sangue a soleira de seu magnífico pórtico.”

Entrei naquele prédio comercial, no meio do vai e vem de gente atarefada e indiferente, com os dois homens, um de cada lado, escoltando-me. Tive vontade de gritar para toda aquela gente: “Eu tenho sua salvação! Um conto! Ajudem-me!”; mas me encontrava completamente impedido. Por um momento, tive por ingratos todos eles; mas que culpa poderiam eles ter? Como saberiam eles que sua libertação dependia de que me libertassem daqueles dois homens aparentemente inofensivos?

O elevador nos levou para o décimo andar. Percorremos o labirinto de corredores até a porta de uma sala. Um dos homens falou: “Dizei a palavra sagrada.”. O outro: “Se disserdes que não sabeis do que se trata, cortaremos vosso dedo indicador direito.”.

Respondi: “Não sei do que se trata.”. Os dois mostraram-se calmos, mas disseram: “Não deveríamos estar dizendo isso que estamos dizendo neste momento, dada a urgência da situação, mas esperamos que, talvez, expondo nossos motivos da maneira que estamos prestes a fazer, evitaremos que atrasos como este aconteçam no futuro. Assim, o tempo que estamos perdendo agora, poderá, talvez, ser recompensado, evitando que tempo seja perdido por razões semelhantes ou idênticas mais à frente. A questão é que todo nosso esforço é no sentido de salvar-vos. Todavia, não seremos hipócritas a ponto de afirmar que é um impulso puramente altruísta que nos move, pois nossa salvação também depende de vossa salvação. Mas também não seremos desiludidos a ponto de dizer que não somos também movidos por uma espécie de amor absoluto e irresistível que nos atrai a vós e que nos obriga a termos uma consciência constante da força que mantém nossas pernas eretas, para que não cedamos ao impulso que incessantemente impele que nossos joelhos se dobrem e que nos lancemos prostrados a vossos pés em adoração extática, diante da contemplação de vossa beleza infinita, que nos dissolve e anula para, exatamente nessa dissolução, sermos mais vivos e únicos que nunca. Isso é necessário para que um dia nos vejamos finalmente livres deste estado de atenção e vigilância constante que temos que inevitavelmente manter para que o momento da salvação possa realizar-se. Antes desse momento, toda nossa força deve ser empregada para manter nossas pernas eretas, apesar do mistério de vossa sublime existência, e para conduzir-vos para o local do ritual, que vos preparará para tal momento. Temos pressa! O tempo urge! Dizei a palavra sagrada. Ela já foi dita por vós e agora deverá ser repetida.”.

Como não abri minha boca, um deles enfiou a mão por dentro do paletó, como que procurando um objeto. Vi as ondulações que sua mão produzia por debaixo do tecido com rapidez, sugerindo certa angústia, embora permanecesse impassível o rosto. Em pouco tempo, devolveu um punho cerrado ao ar livre, como se segurasse um objeto fino e longo. A princípio, pensei que esse objeto estivesse escondido entre os dedos dobrados firmemente, mas, a julgar pelo modo como ele estendeu para mim sua mão fechada, posicionada como se segurasse, expondo para mim, algum instrumento com cabo, e juntando isso com a menção ao corte de meu indicador, comecei a pensar que talvez ele estivesse tentando me mostrar que segurava algum instrumento como uma faca ou uma navalha, para mim invisível.

Um tremor gelado percorreu meu corpo de cima a baixo.

O outro me segurou por trás. Eu não tinha forças para resistir. De qualquer maneira, usei o pouco de ânimo que me acudia naquele momento para me debater, enquanto me certificava, com a evidente inutilidade dessa ação, a inevitabilidade da mutilação. A anulação de minha vontade pela superioridade de força do outro era confirmada a cada tentativa frustrada de me mover.

Mas, no transe do desespero, antes ainda do ato brutal, acabei por soltar um som de que não me lembro agora e que não posso dizer exatamente se tive a intenção de emitir no momento, mas que provavelmente não estava de todo dissociado do pensamento, imagino. Quer dizer, não devia ser apenas um ruído qualquer... ou melhor, definitivamente não era. A porta se abriu logo após o lançamento daquele som que me pareceu vibrar pelos corredores e cujo eco ainda posso ouvir de forma nítida. Então só podia ser a misteriosa palavra sagrada, que continuou sendo um mistério.

Fui levado para o centro da sala completamente vazia e escura. A única janela estava coberta com folhas de jornais sobrepostas, coladas com uma fita adesiva larga. Havia quatro velas acesas, uma em cada canto da sala. Eram pequenas velas ordinárias, do tipo mais comum mesmo, de cera branca, daquelas que mais se veem nos pequenos lugares de adoração. Essas eram as únicas fontes de luz, portanto, além do pouco de luz que entrava pelas frestas da porta e da janela.

Havia um círculo branco desenhado no centro da sala; parecia giz, mas posso estar sendo levado a essa suposição pela noção geral que se imprimiu em minha mente de que tudo ali havia sido preparado do modo mais fácil e barato. O círculo, no entanto, era bem desenhado; certamente fora utilizado algum instrumento de medição para traçá-lo. Tinha cerca de dois metros de diâmetro. Em seu centro fui postado de pé.

Os dois homens posicionaram-se fora do círculo. “Vós deveis ser purificado agora com o Primeiro Verbo.”

O outro foi a um canto da sala e trouxe uma velha bacia metálica, rasa e amassada. Enquanto ele se dirigia àquele canto, dirigi meu olhar com antecedência ao ângulo formado pelas paredes, onde antes não havia percebido nada, e, com surpresa, notei a bacia que, apesar de fosca, ainda assim era capaz de refletir debilmente alguns raios de luz amarela. Tive vontade de verificar novamente toda a sala, mas estava muito absorto nos movimentos do homem que buscava a bacia e na imobilidade do outro.

O homem trouxe a bacia com cuidado. Estava cheia e precisava de muita concentração para que seu conteúdo não se derramasse. Pousou-a finalmente perto da borda do círculo, externamente. O outro aproximou-se e ajoelhou-se com a bacia à frente.

De seu lado, o outro fez o mesmo. Os dois murmuravam o que soava como um cântico. Havia uma preocupação em não profanar a sacralidade das palavras com a pressa com que eram ditas, mas eram ditas com pressa. Não pude distinguir as palavras do cântico nem sequer discernir a língua a que pertenciam. Mas o fato é que em pouco tempo as preces foram terminadas, e os dois mergulharam respeitosamente as mãos no conteúdo da bacia.

Eles olharam para mim e disseram: “Este é o Primeiro Verbo. Aplicá-lo-emos sobre vosso corpo nu. Assim, ele será purificado.”.

Então ambos se levantaram e adentraram o círculo em minha direção. Puseram-se logo a esfregar suas mãos por todo o meu corpo, que continuava vestido. Porém, tive a sensação inequívoca de que podiam tocar minha pele mesmo por sobre a roupa. Mais, sentia umidade em suas mãos, apesar de elas estarem visivelmente secas. Entretanto, simplesmente não podia negar que um líquido escorria por meu corpo até o chão. Esforçava-me para vê-lo, mas não conseguia.

“Com certeza”, pensei, “fui hipnotizado ou algo do gênero.”.

Nesse instante, passou pela minha cabeça a ideia de tentar fugir, apesar de tudo. O que me levava a hesitar era a convicção ou suspeita de que não estava, certamente, em posse plena de minha capacidade de julgamento. E, nesse estado, seria sábio tomar qualquer tipo de decisão ou atitude? Os leitores não hão de discordar de mim, posso afirmar com segurança.

“Escutem, tenho uma grande missão a cumprir, carrego um enorme peso, mais do que às vezes acredito ser capaz de suportar. Da vida que pulsa neste corpo cuja superfície é tocada e tem cada ponto despertado por seus dedos mornos e úmidos depende a continuidade do homem na terra. Carrego a semente profética da revelação que fará o passado dobrar-se diante do poder hu-

mano para todo o sempre. A história chega ao fim, como todos sabem, e só com minha semente, que só a mim foi revelada e em meu corpo depositada, poderá agora o homem vencer o fim do presente, que se aproxima.”

Chorei ao dizer isso. Minhas lágrimas escorreram até o chão. Tive medo de verificar se elas eram visíveis, o que poderia, caso não fossem, levar ao mesmo problema do líquido da bacia. Porém, pensei melhor e constatei que, se elas fossem visíveis, o problema seria o mesmo, de modo que não olhar continuava sendo a melhor coisa a fazer, ou não fazer. Assim como não fugir. Aos poucos, fui me lançando ao que então se me afigurou, de início, como um delicioso exercício de não pensar. Depois, simplesmente um exercício de não pensar. Depois, simplesmente não pensar.

“Vós salvar-nos-eis somente. Nós três. Isso já foi decidido. Vós talvez não vos lembrais.”

O outro disse: “O Segundo Verbo agora será espalhado à vossa volta, no chão, dentro do círculo. Nele vós devereis fincar o Terceiro Verbo.”. O outro foi a um outro canto da sala e trouxe mais uma bacia muito semelhante à primeira. Quase idêntica, eu diria. Não que no momento isso me preocupasse. Contudo, era necessário que isso fosse pensado, caso eu estivesse pensando naquele instante, pois poderia fazer algum sentido no quadro geral das coisas.

Quase da mesma maneira como da primeira vez, houve as preces cantadas em murmúrio calculadamente apressado e de joelhos. Agora, todavia, eles recolheram o conteúdo igualmente invisível da bacia e puseram-se a espalhá-lo como se fosse algo como um pó, por todo o meu entorno, dentro dos limites do círculo. Cobriram meu pé com o pó. Embora estivesse calçado, pude sentir

a substância arenosa de grânulos grossos, secos.

Comecei a me sentir sufocado. Fazia calor e não havia circulação de ar naquela sala. Isso começava a incomodar. Não quis dizer nada, no entanto. Porém, um dos homens, certamente adivinhando o que se passava em minha mente, no mesmo instante, disse: “Está quente aqui. O sopro da besta adormecida trará o alívio do calor que vos oprime, propiciando-vos as condições para a realização do derradeiro ato do ritual: a revelação do Grandioso Terceiro Verbo. Resta-nos muito pouco tempo. Devemos ser rápidos!”.

Ele correu até uma das paredes e abriu uma porta, que era a porta do banheiro. Lá, suponho, havia alguma comunicação com um duto de ventilação, assim como uma besta adormecida, que foi despertada pelo ruído da abertura de sua cova. Por toda a sala ressoou um ronco ao mesmo tempo profundamente ameaçador e lamuriento, carregado por um hálito fétido, mas refrescante.

“Pois então: revelai o grandioso Terceiro Verbo! Não temos mais tempo! Revelai!”

Na penumbra do banheiro vi agitarem-se os contornos de um desenho que ia se delineando e assumindo a forma pura, inominável e indescritível, do Terror. Queria sair das trevas e reunia suas forças para isso. O ronco ressoou mais uma vez, estremecendo o chão. Só que agora era o som puro do Terror. Sem hálito, só o som puro do Terror.

“Revelai o final do conto! É a única salvação! Revelai o final do conto!”

Não sei como, mas havia algum ar ainda em meus pulmões. Mais inexplicável ainda: encontrei ânimo para expeli-lo e fazer soar as seguintes palavras com amargura e honra: “Jamais revelarei a vocês o final do conto!” –, acompanhadas de um gesto súbito que

tirou de minha calça o final do conto e enterrou-o profundamente em meu pescoço, rasgando-o de um lado a outro e matando comigo meu segredo, para todos e para sempre destruído.

MESSIAS

Diogo Mirandela

Da boca afogada pelo medo e pisada pela seca, ouvia-se apenas o silêncio. Dos olhos calados pelas crendices e bêbados pela esperança, não vertia uma lágrima sequer. Tornaram-se secos com o passar dos anos, secos como aquela terra maldita, profanada em outros tempos.

Dessa terra não brotava água, e as plantas que nasciam dela eram de gosto amargo. Era a chuva que sempre tardava a vir, de um céu que se zangou com aquele povo. Tamanha era a desgraça que assolava aquela gente que não restou outro remédio. Se os céus estavam irados, o jeito era dar aos céus o que de melhor havia naquela terra.

Era assim todas as vezes que a lua cheia aparecia por completo no céu. Bastava cair a noite. A lua, totalmente despida das nuvens, cheia, trajada apenas com sua grandeza, anunciava, e o povo compreendia que os céus tinham fome.

As bocas, afogadas pelo medo e pisadas pela seca, entoavam um cântico. Todos reunidos em círculo, num só propósito, num só espírito. Os homens de pé, com os olhos erguidos aos céus, cantavam. As mulheres e crianças, com a boca posta à terra, faziam suas preces.

Quando do norte se ouviam os tambores, os cânticos cessavam. Eram as oferendas que vinham para o sacrifício. Ao centro do círculo, os sacerdotes se alinhavam. Duas vítimas para que dos céus descesse a chuva vindoura.

Vinha primeiro a virgem, de mãos amarradas e olhos vendados. Vinha a passos teimosos, porém obstinados. Desses de quem, sabe-se lá Deus por que, aceitou de bom grado o destino que lhe foi imposto pela vida. Mesmo quando a vida lhe impõe a morte.

Vinha depois o bebê, carregado por um ancião de barba espessa e olhos miúdos. O bebê tinha de ser menino, forte, sem defeitos no corpo, para que os céus recebessem, com bons olhos, aquele sacrifício. Vinha nu; ao mundo viera assim, e assim teria de deixá-lo.

O bebê era posto com cuidado sobre a palha seca. A virgem, despida de seus vestidos, mostrava agora seu corpo cru, nunca antes tocado por homem algum, agora e jamais tocado por quem quer que seja. Ela, depois de despida, era amarrada ao tronco. Sentia na pele a sequeidão daquela madeira, compreendia que a causa justificava o efeito. A virgem teve seus olhos desvendados, viu sua gente com a boca afogada pelo medo e pisada pela seca. Viu seu povo com os olhos calados pelas crendices e bêbados pela esperança. De relance, olhou o bebê que ainda chorava. Os olhos oblíquos da virgem deliberadamente choraram também.

Quando viu o ancião de barba espessa e olhos miúdos se aproximando com a tocha em mãos, o pranto tornou-se grito, e o corpo tornou-se úmido. Eram seus poros reclamando o destino trágico que só agora conseguia ver, eram sua carne e seu sangue desatando os olhos do espírito cego. A coragem fugia-lhe pelas lágrimas, as lágrimas misturavam-se com o suor, que vinha molhar o tronco e descer a terra. O corpo teimoso se pôs a tremer. O espírito decidido escorregou no sangue. Tornou a olhar o bebê, que agora já não mais chorava.

O ancião deitou o fogo à palha seca, e o fogo consumiu os mártires. Seus gritos eram surdos. O que berrava naquele mo-

mento era o silêncio daquele povo. Impassível e ensurdecedor.

As vidas da virgem e do bebê subiram aos céus com cheiro de cinzas e gosto de fumaça. O sacrifício estava consumado; o caminho da luz cega havia sido percorrido.

• • •

Ninguém podia dormir até o raiar da aurora. Tinham de entoar os cânticos que foram ensinados de geração a geração. Depois, todos voltariam às suas tendas e jejuariam durante todas as horas do dia vindouro. Assim procediam sempre. Não se sabe se todos cumpriam os rituais por fé ou por medo. O que se sabe é como tudo isso começou e como tudo terminará.

Sabe-se da origem de tudo e do fim de tudo; pela habilidade (até hoje, peculiar aos homens) de perpetuar histórias, verdadeiras ou falsas, com o passar dos tempos. E, de fato, é bem comum que os anos tornem verdade aquilo que outrora fora mentira, apenas dizendo, afirmando e até jurando quantas vezes for necessário, para que aquilo que se ouviu passe adiante.

O que sempre se ouvia daquele povo é que há algumas centenas de anos aquela aldeia era, dentre todas, a mais próspera de que se tinha notícia. A eles nada faltava, seja a comida, seja a água, seja a chuva, seja o sol. Os céus sempre abençoavam aquele povo. Em troca, a aldeia oferecia aos céus seus melhores animais e seus melhores frutos da terra.

Ao cabo de algumas décadas, a ganância entrou no coração daquele povo pela linhagem dos Nazireus; belos e fortes, eram a família mais próspera de todas. Quis então Edimião Nazir, patriarca da linhagem, não oferecer aos céus o seu sacrifício, a fim de enriquecer ainda mais. Vendo isso, o povo se corrompeu. A ganância dos Nazireus espalhou-se por todas as famílias, e, em poucos anos,

os sacrifícios foram esquecidos. Os céus iraram-se, e, desde então, conta-se que a desgraça da seca e da miséria assolou aquele povo.

Passaram-se os anos, e eis que surgiu um homem que mudaria esse enredo. Chamava-se Horácio Baltazar. Contava 25 anos quando seu primeiro filho nasceu; era menino forte e saudável. Pois esse mesmo Horácio sacrificou o próprio filho, rogando aos céus que a chuva trouxesse vida ao povo. Era noite de lua cheia quando o herdeiro dos Baltazar queimava. No mesmo instante, do céu vieram as primeiras gotas e, logo em seguida, a chuva espessa, produzindo lama e fé. Ali ficou instituído o sacrifício aos mancebos.

Quanto às virgens, ninguém sabe ao certo quando e como começaram a ser sacrificadas. A interpretação mais aceita é a mais lógica. Se os céus se alegram com um mancebo, se alegrariam ainda mais com um mancebo e uma virgem.

Entretanto, haverá um tempo em que não mais precisarão os homens e as mulheres daquele povo sacrificar seus herdeiros e suas virgens. Diz a profecia que antes do fim da vida de Horácio Baltazar os céus enviarão um messias, e ele trará em sua mão direita a fonte da água e em sua mão esquerda o ouro. Virá do norte para restaurar os tempos de paz.

Nos tempos de agora, Horácio Baltazar já é ancião. Vegeta sobre sua cama e, há dez anos, não sai de sua tenda, somente os doze sacerdotes podem entrar à sua presença. Esse Horácio, que luta incansavelmente contra aquela que é a mais implacável guerreira desde o início de tudo (leia-se morte), contava 103 anos quando o último sacrifício fora realizado.

• • •

Os céus não se alegraram com o último sacrifício, aquele que testemunhamos logo às primeiras linhas deste relato.

Depois daquele dia, a chuva não veio. E as regras estavam escritas e por todos eram conhecidas. Se os homens enviavam um sacrifício aos céus, e dos céus não desciam a chuva, o orvalho, a temporã e a serôdia, era porque algo havia de errado na linhagem dos sacrificados.

Seja por pecados encobertos de seus pais, seja simplesmente por serem descendentes da linhagem amaldiçoada dos Nazireus, não importando o que fosse, a maldição precisava ser aniquilada. E se os céus não se agradavam daquele sangue, a terra haveria de se agradar.

Ao raiar do terceiro dia, todos estavam reunidos em círculo de novo. Ao centro do círculo, as covas já estavam prontas, eram fundas, frias, vazias, gritavam por seus novos hóspedes. Os tambores tocaram. De longe, vinham os amaldiçoados.

Seus pulsos traziam cordas espessas. Nas suas costas, as marcas do açoite. Eram eles o pai e a mãe do bebê. O pai, a mãe e os dois irmãos da virgem. Os pais da virgem olhavam para o tronco queimado e choravam. Os irmãos da virgem olhavam para as covas abertas e choravam. Os pais do bebê olhavam um para o outro e também choravam. Sem anestesia, cada um foi arrastado à sua sepultura. A terra lançada se encarregou de encobrir os gritos.

Após o rito fúnebre, a sorte foi lançada pelos sacerdotes. Seriam agora escolhidos os próximos a serem sacrificados. Os olhos resignados tentavam, em vão, esconder o medo, já que as bocas caladas denunciavam o sofrimento. A sorte lançada escolheu o único filho da família dos Pompeu. Contava ele seis meses de vida naqueles tempos. Em seguida, os olhos se voltaram para todas as moças que ali estavam de pé. A sorte foi lançada novamente,

e a virgem escolhida chamava-se Sara, da linhagem dos Xavier. Contava ela vinte anos naqueles tempos. Era visível o alívio das famílias, cuja sorte se encarregou de livrá-los da morte. Era também visível o pesar refletido nos olhos daqueles que foram sentenciados à glória do martírio. Porém, os olhos de Sara refletiam outra coisa, que somente o ancião de barba espessa e olhos miúdos conseguiu discernir. Agora via com clareza, pois não somente os olhos, mas também todos os poros de Sara expeliam uma revolta silenciosa.

Por dias, Sara Xavier esteve calada e com olhos vagos. Andava às introspecções do espírito. Quando saía de sua tenda, era sempre alvo dos olhares de chumbo e das línguas de navalha. Andavam a sussurrar coisas a seu respeito, sem saberem que os sussurros são mais venenosos que os gritos. Os familiares de Sara olhavam-na com culpa e com admiração. Sara, por sua vez, olhava-os com acusação e silêncio.

Para esta, que era virgem do corpo e mártir da fé, os dias passaram como uma goteira contínua sobre um caldeirão escaldante já à borda. Apesar do silêncio, mais dia menos dia, o caldeirão deitado à fervura fria terá de transbordar.

Assim foi. A noite vinha caindo, era a última antes do sacrifício. Sara estava deitada em sua tenda, porém tinha seus olhos abertos. Olhava para cima, repassando, por vezes, tudo que havia planejado. Bastariam as tochas se apagarem por completo para, enfim, começar a agir. Eram dez da noite quando elas foram apagadas, e a aldeia se pôs a dormir, restando, do lado de fora, os vigias da tenda de Horácio Baltazar e alguns bêbados sôfregos.

Sara saiu de sua tenda sorrateira, sem ser notada. Apesar de ter o espírito aos galopes, fazia cada movimento com cuidado. Em poucos segundos, chegou às portas de seu destino. Conseguiu

se esconder por detrás de uma pedra, dali aguardando, com ansiedade e frieza, o momento certo.

Era a tenda de Horácio Baltazar guardada por dois sacerdotes. Ficariam ali por toda a noite como sentinelas, e Sara tinha a certeza de que, mais hora menos hora, iriam pestanejar. Eram anciãos, tinham de pestanejar. E ela aguardaria o tempo que fosse. Era sua única esperança de escape do destino trágico. Seria uma lei desobedecida por uma boa causa. Caso de o fim justificar os meios; os céus compreenderiam.

Demorou em torno de duas horas para o primeiro dos sacerdotes cair em sono; poucos minutos depois o outro seguia o mesmo destino. Sara tinha os olhos atentos e, ao perceber o baixar da guarda de seus adversários, avançou. Agora já dentro da tenda, teria de se esconder até Horácio despertar e, finalmente, à virgem pedir clemência e misericórdia da morte certa. Não houve tempo para tanto, pois o que os olhos de Sara contemplaram ali tornou a garganta seca e a língua muda.

Ao centro da grande tenda, o corpo do ancião jazia deitado e descoberto. Sara, deitada ao chão com a boca posta ao pó da terra, demorou a digerir o que os olhos viam. Porém, bastaram alguns segundos para finalmente compreender. Foi se arrastando a passos lentos para próximo do ancião; parou por ter esbarrado em uma tigela com bálsamo, mas a distância já lhe bastava. Ela tapou a boca com a mão para não gritar. Deitado ali, Horácio Baltazar jazia morto, mumificado por mortaldas e embalsamado.

Magra e esguia que era, Sara saiu sem fazer barulho; os sacerdotes ainda dormiam. Quando já estava distante, tropeçou em si mesma e vomitou qualquer coisa ao chão. A imagem de Horácio Baltazar morto ainda era presente. Escutava agora

a voz de seus pais e dos pais de seus pais contando-lhe a mesma profecia. “Pois antes da morte de Horácio Baltazar, chegará o messias, trazendo a fonte das águas em sua mão direita e o ouro em sua mão esquerda, e os tempos de paz reinarão.”

Em instantes, os gritos de todas as virgens e mancebos sacrificados a deixaram surda. Caiu de joelhos sobre a terra seca e chorou. No choro, a lucidez e a coragem voltaram a seu espírito. Levantou-se e caminhou decidida à tenda do mancebo que seria sacrificado. Seja por ajuda divina ou por vontade do destino, o mancebo continuou dormindo profundamente quando a virgem Sara o tirou da manjedoura onde dormia e o pôs em seus braços.

• • •

Já estava longe da aldeia de seu povo quando seus pés reclamaram do trabalho exaustivo, porém o medo de ser encontrada por sua gente e o amor pelo bebê que dormia em seus braços a fizeram andar mais. A noite pesava-lhe no peito quando, de longe, a moça avistou um homem vindo no lombo de um jumento.

Os gritos de socorro fizeram o homem mudar seu curso e ir a sua direção.

— Que passa, minha senhora?

— Peça-te ajuda, não tenho para onde ir. Por favor, imploro por ajuda.

A virgem se ajoelhou com o mancebo nos braços. O homem saltou do jumento e levantou a moça.

— Não tenho para onde ir, meu senhor, me leve como sua serva.

— Não te quero como serva — ele respondeu rispidamente.

— Então ao menos me leve a qualquer lugar que tenha abrigo e água para que eu e meu filho não morramos neste deserto.

— E onde está seu marido, forasteira?

Sara tentou responder qualquer coisa, que ficou atravessada na garganta. As lágrimas então lhe brotaram dos olhos. O homem subiu de volta em seu jumento e, sem olhar para a moça, estendeu a mão. Pelo resto da noite, cavalgariam juntos. Durante o caminho, o homem só fez uma pergunta.

— Mulher?

— Sim, meu senhor.

— Qual é seu nome?

Sara sentiu um calafrio subir-lhe a espinha, cogitou a hipótese de correr a notícia de uma certa Sara da linhagem dos Xavier que fugira com um menino que não era fruto de seu ventre, por ela ser virgem. E que, por causa de sua insolência, sua aldeia fora condenada a esperar o messias por mais umas centenas de anos. Decidiu então trocar de nome dali para sempre. Teria de ser um simples, que não levantasse qualquer suspeita. Respondeu então:

— Maria é meu nome, meu senhor.

Os três continuaram seguindo o caminho incerto, com a noite pesada sobre suas cabeças. Naquela noite, não se podia ver a lua, pois o céu estava encoberto de nuvens. Via-se apenas uma estrela que brilhava no oriente e as nuvens anunciando que a chuva estava a caminho.

DESACONTECIMENTO

Mayra Lopes

Esquece o nosso amor, vê se esquece.

Porque tudo no mundo acontece.

“Acontece”, Cartola

Querida Joana, quando você abrir este bilhete, meus trapos já não estarão no nosso armário. Hoje pela manhã, antes de ir trabalhar, arrumei minhas roupas, engraxei meus sapatos, pus tudo em uma trouxa e me mandei. Meu coração continua em nosso lugar de origem, mas estou me mudando para a Lapa. Não adianta me procurar na oficina, larguei o emprego; amanhã é sexta de carnaval, serei todos os homens mascarados da cidade, sem nome, sem endereço, sem mulher, solto.

Não pensei em nada enquanto a deixava. Não era surpresa, mal nos falávamos nos últimos meses. Eu poderia mentir e inventar muitas estórias, muitas histórias, poderia contar mentiras boas e ruins. Falar mal de mim, falar mal dela. Poderia ter voltado para casa depois de bater meu cartão, esperá-la à mesa com a cerveja na mão e o cigarro me queimando a ponta dos dedos. Poupei-nos. Poupei-nos e creio que trouxe dignidade a um término que já aconteceu. Amanhã, quando ela estiver fazendo as unhas das madamas no salão, poderá dizer para as amigas que eu a deixei, que nem ao menos tive a decência de dizer que ia comprar cigarros e nunca mais voltar sem dar palavra. Ela dirá que a abandonei

pelo carnaval, que a quarta de cinzas me trará para a porta de casa, com chuva e confetes, cheiro do perfume barato das putas e marcas de batom de cores sortidas pelas roupas, corpo marcado, lama nos pés, cigarro apagado, e que, quando eu voltar, da porta mesmo, a vassouradas serei espantado.

Eu não vou voltar. Eu e Joana somos uma longa canção de oito minutos. Ao sexto e meio, a corda do violão arrebenta, o cantor precisa parar e respirar, há um intervalo, e a música termina antes do fim. A retomada não passa de um suplício de dois minutos em que alguém já desligou o rádio e não ouviu. O quarto era em uma daquelas ruazinhas que fazem esquinas com a Riachuelo, e ninguém se lembra do nome. Enveredando-me por Santa Teresa, sempre acharia o caminho de casa, seguiria de perto todos os mendigos, desocupados e bêbados daquela parte da cidade. Não precisava de nada além de uma cama, uma pequena cômoda, uma mesa que quicá faria às vezes de escrivaninha e um espelhinho de rosto. Nada mais do que o estritamente necessário. De qualquer forma, o quarto seria apenas para repor noites de sono não dormidas.

Sexta-feira: capataz.

Não estou em fuga nem me escondendo. Prefiro o desconhecimento alheio enquanto passeio pelos blocos da zona sul, bebericando a cerveja quente pelo buraco que abri na máscara preta. Ameaçador, ando com a boca e os olhos castanhos de fora. Uma odalisca me perguntou se eu era de verdade, se entre eles havia algum criminoso. Quando você esconde um rosto para se tornar a pessoa que executa ordens, a última ordem, o natural é que as pessoas se afastem. Curioso é que tenha sido uma mulher. Depois que lhe inquiri sobre algum peso em sua consciência, a

dançarina oriental subitamente ficou séria. Me hostilizou com um palavrão, fechando com uma praga: “vai morrer de calor, mané!”.

As pessoas pensam que quando um relacionamento teve o seu funeral atrasado não há sofrimento por parte (d)a pessoa que toma para si o papel de algoz. O ato de mover-se, após a constatação do esquecimento, do desfalecimento, do apagar das queimaduras que se sentem n’alma é algo tão ou mais doloroso do que a dor daquele que foi deixado. Eu queria rua e sabia que a rua estaria cheia de todas as pessoas, entupida dos mais fortes odores, suscitando as mais luzentes visões, dando uma prova de diferentíssimos gostos, incitando o tato. Vestido de negro e com um capuz, me coloquei como meu próprio capataz. À morte de Carlos e Joana, mais um copo de cerveja, e seria à morte de Joana e Carlos. Tirei o capuz. Amor que morre em casa, erodado, ninguém matou. Nem eu, que saí de casa.

Sábado: pierrô.

Acordei cedo. Ou melhor, não dormi quase nada. Boa parte da manhã, dona Lene tirou suas bugigangas do quarto entulhado, cheio de fotografias antigas, fantasias, figurinos e perucas, maquiagem e troféus. O quarto, o maior da pensão, cheirava a naftalina e perfume importado. Dona Lene, um dia, tinha sido quase famosa. Um dia, fora bonita. Após preparar todos os potes, recipientes, latinhas e tintas, sentei, impaciente, naquele banco torto, sufocado pelo peso de um passado que se encrusta em uma pessoa frustrada. Espero ter deixado Joana a tempo, para o bem dela e para o meu.

Quando ziguezagueei pelas ruas, me vi em um parque, enroscado por uma fita de uma saia; quando virei minha cabeça para olhar

a dona, uma colombina. Colorida, perto de mim, o monocromático. O pó branco no meu rosto começava a escorrer junto com meu suor para dentro da roupa, também sem cores. Eu era um negro manchado de branco. Dos olhos delineados de preto com lágrimas também pretas, escorria um choro cinza. A colombina tinha um olho verde e outro azul. Suas cores vibravam pelo afogear da corrida entre as ladeiras. Ela riu, jogou um pompom cor-de-rosa para mim e gritou: “Um carnaval é feito de, pelo menos, duas cores.”.

Domingo: pirata.

Dessa vez, somente a partir das cinco da tarde, quando via os primeiros tímidos indícios de um crepúsculo anunciado, saí. Agora, alguns toques de cor: o colete e o lenço vermelho. A argola dourada de pressão na orelha. O prateado do cabo da espada na bainha da calça. Hoje, de cara para o mundo, resolvi enfrentar a vida, resolvi dar a cara a tapa. A única coisa que me escondia era um tapa-olho que qualquer vento levantava; nem barba por fazer eu tinha.

O destino dessa vez foi a zona sul. Embora tenha resolvido aparecer, escolhi local onde pudesse permanecer no anonimato. Se alguma foliã me perguntasse o nome, quem sou, qualquer coisa, poderia inventar que sou o Pirata sem Barba Azul. Hoje, fiz parte da multidão, entrei por dentro dos blocos, senti mais calor do que antes, suei mais, apesar de estar usando menos roupas. Falei mais, bebi mais. Fui mais feliz? Fui tão feliz como nos outros dias. No carnaval, todo bêbado infeliz é feliz. É, não, está.

Segunda-feira: desfile da escola de samba.

Durante o dia inteiro, os preparativos. Precisava ocupar o meu

lugar de direito na ala após o carro alegórico que ficava atrás da bateria. Minha fantasia era pesada e tinha a ver com o enredo. Homenageávamos um dos maiores sambistas da cidade. Minha ala era o carnaval de rua. Mimetizei todos os movimentos que deveria ter tido durante esses dias que passaram, sorri todos os sorrisos, dancei todo o samba, senti como pulsações cada batucar, cada instrumento fazia eco dentro do meu corpo. Não conseguia enxergar com as fortes luzes do Sambódromo em cima da avenida; a cada gesto cego, sentia-me desfalecer em um som.

Ao fim, senti uma mão delicada me apoiar, quando levantei os olhos, não havia ninguém, somente um pompom verde em minha mão esquerda.

Terça-feira: malandro.

Depois do desmaio merecido, dessa vez, dentro do meu quarto, já na pensão, acordei com os raios de sol lambendo as frestas da minha janela, a me despertar para o último dia da nova vida. Coloquei a roupa de malandro e descí. Vagueei animadamente entre a Lapa, a Rua do Lavradio, a Avenida Mem de Sá e a Rua do Riachuelo. Passei, andei, dancei, sentei e bebi por todos os cantos, desde a Glória até a Praça da Cruz Vermelha. Os pompons, um em cada bolso, me acompanhavam. De relance, avistei um olhar enviesado, um olho verde e um azul. Ao lado dela, uma beldade mascarada, uma mulher misteriosa que tinha somente os contornos dos olhos castanhos cor de mel e da boca rubra, descobertos. O cabelo preso, com os cachos descendo em espirais pelo pescoço. Disse à colombina que ela deixou cair parte da roupa, e ela disse que não. Sua amiga havia dado de presente para um homem.

Que homem? Não existia conexão entre nenhum deles; o capataz, o pierrô, o pirata, o folião e o malandro eram espécies completamente díspares. Além da minha figura, o que mais poderia ser visto como ponto de união entre esses homens?

A seu convite segui durante a noite. A cada hora, um estado de transe, de inconsciência, tomava conta de todos nós. A colombina desapareceu para o mar, e eu e a mascarada andávamos a esmo, chutando confetes sujos de urina e serpentinas rasgadas pelo meio-fio das ruas da Glória. Até as travestis já haviam se recolhido.

Pensei em trazê-la para a pensão. As mulheres eram proibidas para pernoite. Dona Lene dizia comandar uma casa de boa reputação. Além do que, enquanto vivesse, nenhum de seus moradores seria roubado dentro do quarto, e mesmo ela não gostaria de abrir mão de nada do que possuía. Dizia sempre que não havia trabalhado anos a fio nas melhores peças já escritas pelos homens para ver seus figurinos transformados em acessórios baratos de puta de esquina.

Dormimos juntos. Quando acordei, os cabelos esparramados pelo travesseiro, deixando nu o pescoço, e um sinal na nuca me deram a certeza que não tive durante a noite ou a manhã. Era Joana. Ela havia descoberto tudo, poderia ter mandado me seguir, havia perguntado por mim em todos os becos e bares, foi colecionando o sal das lágrimas que deixei para trás. Desde que cheguei, não desfiz minha trouxa. Ela ficara guardada dentro do armário, que eu trancava e cuja chave guardava por dentro do carpete, assim que descobri um buraco ao pé da cadeira. Silenciosamente, abri meu armário e peguei minhas coisas.

Joana tinha o hábito de dormir com um braço fora da cama; sua mão pendia perto do carpete encardido, e foi ali,

ao lado de sua mão, que depusitei meu derradeiro bilhete: “Esquece nosso amor, vê se esquece.”.

Hoje é quarta-feira de cinzas. Haveria outra pensão na Lapa, um barraco abandonado em Santa Teresa, um quarto e sala para alugar. Joana, eu não vou voltar.

❧ EM MEMÓRIA DE MAYRA LOPES ❧

O que dizer da minha filha, Mayra Lopes? Criança feliz, adolescente tímida. Desde cedo, quando começou a ter um entendimento melhor das palavras, aos seis anos de idade, vivia cercada de livros e textos. Mantinha alguns blogs, nos quais sempre levantava discussões literárias e/ou políticas. O principal deles intitulava-se *Passionless, pointless*, em homenagem a uma de suas muitas musas, J. P. Harvey. Sempre a favor dos menos favorecidos, era contra o racismo e a homofobia e crítica a este governo que nos cerca. Inteligente, observadora, vaidosa, com um senso crítico aguçado e com uma sensibilidade à flor da pele, queria ser bailarina... Muito articulada com as palavras, incomodava-se com a ignorância das pessoas sobre o mundo. Ela faz falta... muita falta! Não só para mim e minha família, mas também para todos aqueles que a conheciam e entendiam seus bons e maus momentos. Tenho orgulho dela, de saber que seus pensamentos e sua poesia estarão presentes nos livros, um prazer em sua vida. Obrigada ao LerUERJ e ao SELB por esta homenagem à minha filha amada. Que suas palavras fiquem eternamente presentes com este prêmio. “As pessoas não morrem, ficam encantadas” (Guimarães Rosa).

Thays Maria Santos
Mãe de Mayra

SOBRE
OS AUTORES

Giulia Romay é carioca de vinte carnavais, obstinada estudante de Direito da UERJ e fadista incorrigível. Escreve para filtrar a maré dentro de si, apesar de volta e meia se afundar na pífia mania de pensar demais. Tem os pés no chão, a mente nas nuvens e um especial apreço pelas coisas findas. Pretende desbravar o mundo e espera poder deixar algo de genuíno por onde passar, nem que sejam alguns meios versos num pedaço de papel.

Estudante de Letras na UERJ, **Bianca Garcia** é feminista, apaixonada por literatura brasileira e infantojuvenil. Dialoga com Alice em suas crises existenciais. É fascinada pela fusão Macabéa-Clarice na epifania “o destino de uma mulher é ser mulher”. Como Florbela, sonha que um verso seu tem clareza para encher todo o mundo e que deleita mesmo os que morrem de saudade! Sabe que *les temps sont durs per les reveurs*, mas sonhar é preciso, afinal “querer ser exatamente aquilo que a gente é ainda vai nos levar além”.

Jorge do Carmo Filho nasceu em Niterói no dia 28 de maio de 1957. Participante de eventos literários, conquistou o 2º lugar com a poesia “7 anos” (Litteris), recebeu menção honrosa com a crônica “O terceiro homem” no Concurso Literário do Servidor do Estado do Rio de Janeiro e teve editados pela Litteris suas poesias “Eu que sou eu”, “Caminho”, “Chuva” e seu conto “Parte da infância”.

Marco Dantas tem 43 anos, é funcionário público estadual, pai do Lucca e bacharel em Letras pela UERJ. Atuou no movimento estudantil da universidade nos anos 90, sendo presidente do DCE e coordenador do DALB, além de conselheiro universitário pelo corpo discente do CEH. Foi também diretor da UEE-RJ e da UNE. Atualmente, tem 28 poemas de sua autoria, e este é o primeiro reconhecimento em um concurso literário. Tem um projeto de lançar um livro em 2017. Atualmente cursa Literaturas.

Bruno Furtado é graduado em Letras: Inglês/Literaturas e mestrando em Literaturas de Língua Inglesa na UERJ. Carioca, nascido em Campo Grande e morador de Copacabana,

Deusdemóstenes de Antuérpia é apreciador de heavy metal e cerveja gelada, boêmio, músico, professor e historiador, mas também ama literatura brasileira, russa, inglesa e espanhola. Arrisca-se a escrever de vez em quando, desde que o pano de fundo seja sua amada cidade (embora não se considere lá muito talentoso).

Graduado em História, **Luiz Paulo Labrego** atualmente cursa graduação em Letras e mestrado em Literatura Portuguesa na UERJ. Apaixonado pela literatura e pela arte em geral, mantém vivo em seus planos um dia escrever um livro.

Viviane Roux é carioca de Vila Isabel. Formada em Estudos de Mídia pela UFF, sempre teve um negócio com as palavras, mas, assim, um negócio forte, sabe? Tão forte que decidiu estudar Letras na UERJ para ver se entendia. Enquanto não entende (entenderá um dia?), conta contos por aí. Em 2011, teve um deles publicado na antologia *A polêmica vida do amor*, pela Editora Oito e Meio. No www.liricalesaelouca.blogspot.com tem mais!

Quasilúnio é descendente de estrelas cadentes. Veio a cair do facho de uma estrela cadente aqui no Brasil, mas se tivesse sido em outra localidade igualmente imaginária como a Transilvânia daria no mesmo. Por lá, o conde Drácula; por estas bandas, a mula-sem-cabeça, bandido da luz vermelha, curupira, Marighella, Iara, Zé do Caixão, saçi-pererê, Yemanjá, boto cor-de-rosa e outras lendas sem fim. É primo distante de Quasimodo. Dizem, é uma personalidade de Vinicius Varela, que publicou o conto

“Ubuntu” na antologia *Clube da Leitura – vol III*, mas, tratando-se de mitos e lendas urbanas, todo cuidado é pouco. O povo é muito inventivo. Vinicius Varela existe apenas, o resto é rumor. Dois Quasilúnios formam um plenilúnio? Para responder esse tipo de questão gramático-existencial, capaz de mudar completamente a realidade, Quasilúnio se matriculou no curso de Letras da UERJ. Ainda não encontrou muitas respostas. Por isso a literatura, para falar sobre desentendimentos. Seu nome ainda não consta na lista de chamada.

Diogo Mirandela tem 25 anos, é estudante de Artes Visuais na UERJ, cinegrafista na TV Brasil e fotógrafo independente. Nas horas vagas dedica-se à produção literária e musical. Dirigiu os curtas *Lapa de rua* e *Silêncio*. Ao lado de Clara Ludolff, sua companheira, é coautor da coletânea de poesias *Despír-se*.

Mayra Lopes do Couto nasceu no Rio de Janeiro em 1985. Graduiu-se em Letras, especializou-se em Filosofia Moderna e Contemporânea e titulou-se mestre em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Publicou seu primeiro livro, *Intravenoso*, em 2011 e participou como uma das autoras do livro de contos *Para Copacabana com amor* em 2013, com o conto “Desvario”. Suas primeiras letras saíram de um diário de folhas de papel avulsas, feito por ela mesma aos seis anos de idade.



Este livro foi composto em fontes DIN Pro para títulos e
Baskerville MT para texto.

Arquivo digital.

2016

Reunidos aqui, o leitor tem em mãos os textos vencedores do II Concurso Literário LerUERJ: Prêmio de Literatura Carlos Drummond de Andrade. Cada texto oferece um modo singular de investir no trabalho com a palavra literária, de produzir novos arranjos e experimentações de ultrapassagem.

Para a materialização deste livro, muitas mãos se somaram à empreitada editorial competente, atenta e minuciosa – atividade que vem merecendo espaço na formação de profissionais de Letras.

Com este volume, desejamos que os exercícios criativos contidos aqui inspirem novas experiências de seus autores e que cada leitor se sinta incentivado e lançado em seus próprios exercícios.

Bruno Deusdará

Coordenador do Programa de Leitura da UERJ

PARCERIAS



ISBN 978-85-6595-103-6

